

OS ARQUIVOS PERDIDOS



A CAÇA



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo


Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
A CAÇA

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



Copyright © 2016 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Files: Hunt for the Garde

REVISÃO
Bruna Neves da Cruz

REVISÃO DE E-BOOK
Juliana Pitanga

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0089-2

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Parte I: Phiri Dun-Ra](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Parte II: Vintaro Üshaba](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Parte III: Rexus Saturnus](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os livros da série](#)

[Leia também](#)

PARTE I
PHIRI DUN-RA

CAPÍTULO UM

Os Iorienos podem até chamá-lo de “Santuário”, mas hoje o lugar será uma zona de guerra.

Seu povo morrerá aqui.

Matar os últimos Gardes sempre foi uma prioridade para os Mogadorianos. *Eu*, pelo menos, penso muito nisso. Não por vaidade ou senso de realização, mas porque sei que é a melhor maneira de servir ao Adorado Líder. De agradá-lo.

É tudo o que quero, tudo de que preciso na vida.

Houve um tempo em que eu estive perto de receber o favor de Setrákus Ra. Subi na hierarquia, mostrando a meus superiores quão pouca misericórdia teria com qualquer um que se opusesse a nós. A facilidade com que transformaria os Mogadorianos nascidos artificialmente em esquadrões de assassinos bem treinados. Por fim, recebi o comando de um pelotão na base de West Virginia, onde poderia mostrar ao Adorado Líder de uma vez por todas que eu era sua comandante mais leal e capaz.

Porém, eu falhei. Alguns membros da escória Garde que estavam sob minha guarda fugiram. Caí em desgraça e tive que escolher entre ser morta por causa de meus fracassos ou realocada para o México, com a tarefa de encontrar a entrada de um local lórico impenetrável. A decisão pareceu fácil. Escolhi a segunda opção, com a esperança de reparar meus erros. Em vez disso, fracassei mais uma vez.

Só que tudo isso vai mudar. O Adorado Líder está aqui, e mostrarei que sou digna de ser sua discípula. Ele testemunhará minha performance no campo de batalha e verá que sou a encarnação do que ele prega no Grande Livro. Não terei misericórdia, não pouparei nenhum inimigo.

— Proteger o Adorado Líder! — grito, ao sair correndo do esconderijo na selva, liderando um pequeno grupo de soldados nascidos artificial e naturalmente que resgatei do cativeiro dos Gardes.

Enquanto atravessamos o campo de batalha, vejo a Número Seis.

Um de meus olhos está fechado devido ao inchaço provocado pelo soco que a idiota da lorieta me deu quando eu estava amarrada. Ela devia ter cortado meus dedos para me inutilizar — ou me *matado*, se fosse inteligente. Atiro nela. Ela cai. Mostro os dentes. Vou me certificar de que sua morte seja lenta e agonizante.

Darei orgulho ao Adorado Líder.

Seguimos adiante. À frente, nosso salvador está de pé sobre uma cratera, usando seus poderes extraordinários para manter a Garde chamada Marina erguida no ar. Ele a atira no chão várias vezes, até o corpo da garota ficar inerte. Os loriens e seus aliados podem ter destruído o canal que Setrákus Ra criou para extrair a loralite, mas eles estão sendo destruídos, forçados a reconhecer nossa superioridade.

Isto é guerra. Isto é glória. Isto é o Progresso Mogadoriano.



Continuamos a avançar em meio ao fogo cruzado. Quando alcanço o Adorado Líder, é tarde demais. Um dos aliados loriens — um humano com a audácia de usar nossas armas contra nós — deu um tiro que por sorte queimou a orelha de nosso comandante infalível. Se eu tivesse sido apenas um pouco mais veloz, poderia ter me atirado na frente, feliz por morrer protegendo o Adorado Líder até mesmo da mais ínfima dor. Quando chego ao seu lado, ele já atirou o corpo alquebrado de Marina sobre o garoto, mandando ambos para longe.

De perto, vejo sangue pingando de feridas no corpo de nosso comandante. Ele se apoia em uma espada.

— Adorado Líder — diz um de meus companheiros mogadorianos, dando um passo à frente e segurando seu braço, para ajudá-lo a se

levantar.

Setrákus Ra responde colocando a palma da mão na cabeça do subalterno. Por meio segundo, o soldado parece estar em êxtase, como se estivesse sendo abençoado. Então, a mão em sua cabeça se fecha em um punho, esmagando o crânio como um pedaço de fruta podre antes que se transforme em poeira.

Nosso Adorado Líder não precisa de ajuda. Esses ferimentos não são nada para ele.

— De volta à nave — rosna ele. — Nós os faremos sentir nosso poder.

— Ouviram nosso glorioso líder! — grito. — Com tudo para cima deles!

Disparos continuam preenchendo o ar, vindos de todos os lados, inclusive da própria *Anúbis*. Ferimentos dolorosos se abrem em minhas mãos por ter me aproximado demais do campo de força ao redor do Santuário, mas não deixo que isso me abale. Continuo atirando. Sei que o Adorado Líder não precisa de ajuda, mas demonstro minha lealdade ficando na dianteira e ao centro para receber tudo de ruim que possa atingi-lo enquanto marchamos para fora da cratera. Os outros soldados também se alinham, formando um círculo ao redor do comandante à medida que nos movimentamos.

Nós o serviremos até não restar nada em nós além do pó.

— Destruirei qualquer sinal de vida em quilômetros — ruga o Adorado Líder quando começamos a subir a rampa da nave. — Tudo abaixo de nós queimará e, depois que destruímos os lorientos e seus aliados, eu mesmo escavarei os restos do Santuário.

— Não restarão nem mesmo os ossos — digo.

Estamos quase no topo da rampa quando algo muda no ar.

Somos atingidos pelo vento, um vendaval que deve ser obra dos Gardes. Escombros — pedras, areia, metal — nos atingem, e cubro o rosto com os braços enquanto dou alguns passos para trás, tentando me segurar.

Porém, o Adorado Líder se mantém firme. Ele se volta para encarar o vento e estende a mão aberta com a palma para a frente. A ventania que nos atinge diminui, mas sinto outra força no ar

quando ele sorri. O comandante é muito poderoso, e sua força faz nossos inimigos recuarem. O campo de batalha do Santuário explode em estilhaços e pedras.

Essa é nossa vitória.

Ao meu lado, o Adorado Líder ri.

Vejo o projétil tarde demais — *sempre* reajo tarde demais. Houve pouco mais que um cintilar de metal no ar antes de atingi-lo. Um pedaço do cano destruído está enterrado no peito do Adorado Líder.

Sua risada se transforma em um arfar quando ele inclina o corpo para a frente, cambaleando.

— Não! — berro, apressando-me até ele.

Nesse instante, apesar dos disparos contínuos das armas, somos apenas eu e Setrákus Ra, juntos na entrada da *Anúbis*, e o protejo com meu corpo. O resto do mundo — do universo — deixa de existir.

Ele olha para o metal em seu peito e depois para mim.

— Para dentro — resmunga, o sangue escuro escorrendo dos lábios.

Eu me movo o mais rápido que posso, gritando para os outros me ajudarem. Nós o puxamos para a nave. Mal entramos e já bato nos controles que fecham a porta de carga, nos protegendo.

O caos se espalha pela área de carregamento, e todos os soldados começam a berrar ao mesmo tempo. Um dos nascidos naturalmente de baixa patente se apresenta.

— Devemos arrancar o cano, certo? — pergunta, um pouco inseguro.

— Não toque nele — retruco.

— Se *eu* fosse ele, iria querer...

— Mas você *não* é ele.

Disparo um tiro bem na cabeça do sujeito. Seus acréscimos começam a se desintegrar antes que caia no chão. Os outros recuam. Sou uma comandante nascida naturalmente, e mesmo que meu histórico tenha sido maculado há pouco, é provável que eu seja a pessoa de patente mais alta no hangar.

Fora o Adorado Líder, que seu reinado seja longo.

A parte da frente de sua armadura está manchada com o sangue escuro que escorre do ferimento. Há algo estranho em seus olhos,

tão inesperado da parte dele que levo um instante para reconhecer o choque.

Ele se esforça para levantar, empurrando os soldados que tentam oferecer ajuda. Seus olhos cruzam com os meus, e ele sussurra três palavras:

— Acabe com eles.

E, em seguida, cai no chão.

CAPÍTULO DOIS

Com dificuldade, levamos nosso alto comandante até o elevador mais próximo. O corpo dele é pesado, quase além do que aguentamos carregar. Sua respiração irregular e gorgolejante toma conta de meus ouvidos. Se fosse qualquer outro, eu suporia que a morte está próxima, mas sei que diante de mim não está um mogadoriano normal. Ele é eterno, imortal. Os ferimentos são um revés momentâneo. Nem mesmo isso. Devem ser parte do plano dele, algo que previu.

No elevador, enquanto subimos pela *Anúbis*, os outros soldados permanecem em silêncio, exceto por eventuais demonstrações de apoio.

- Viva nosso Adorado Líder!
- Que seu reinado seja longo!
- Louvado seja seu nome!

Quando as portas se abrem, há alguns membros da equipe de socorristas à espera. Por sorte, estamos na *Anúbis*, uma vez que é difícil ver médicos em veículos mogadorianos, mesmo nas naves de guerra. Em geral, não vale a pena tentar curar ou tratar os soldados nascidos artificialmente quando é tão fácil criar outros. Quanto aos nascidos naturalmente, às vezes é melhor — ou mais honrado — morrer no campo de batalha do que retornar como uma decepção.

A princípio, os médicos têm medo até de tocar no Adorado Líder, mas grito com eles, e o comandante é colocado em uma maca. Gemendo, ele é levado sem demora à área médica.

Começo a segui-los, mas então me dou conta de algo: ainda estamos parados no Santuário. Nossos inimigos estão lá fora e nosso comandante está inconsciente.

Quem irá nos liderar?

O que o Adorado Líder gostaria que fizéssemos? Suas últimas palavras me vêm à mente.

Acabe com eles.

É claro. Ele me deu uma ordem. Um objetivo. Uma ordem divina. Ele deixou ao *meu* encargo assumir o controle e garantir que seu desejo seja realizado.

Se eu conseguir, meu valor certamente será provado.

Então, em vez de continuar seguindo os médicos, eu me dirijo até a ponte. Minhas tranças longas e negras se soltaram durante a batalha e agora chicoteiam o ar enquanto corro pelos corredores, o barulho de meus passos ecoando atrás de mim.

Adentro a ponte. Os oficiais estão correndo de um lado para o outro, gritando entre si. Ao que parece, a equipe médica já lhes apresentou um relatório. Diversos tripulantes saíram para ficar ao lado do Adorado Líder, enquanto outros pairam ao redor dos terminais, nervosos, aguardando ordens.

— Onde estão os malditos loriens? — grito, seguindo até a janela de observação na frente da ponte.

— Acabaram de partir — responde um dos oficiais. Com base nas informações de seu terminal, suponho que seja o navegador. — De alguma forma, eles têm uma nave lórica. Estamos esperando por...

— Siga-os — ordeno.

— Mas o Adorado Líder é o único que...

Aponto minha arma para a cabeça do oficial.

— Sou Phiri Dun-Ra, filha legítima do honrado Magoth Dun-Ra — declaro, devagar e com clareza. — E, neste momento, sou a voz do Adorado Líder. Ele me deu ordens para acabar com os Gardes. Se você não partir com essa nave nos próximos cinco segundos, eu mesma farei isso.

Ele hesita apenas por um instante antes de a *Anúbis* decolar.

— Dispare assim que estiverem no campo visão — digo.

Abro uma linha de comunicação com o departamento médico, mas não há nenhuma atualização. Setrákus Ra continua inconsciente. Os médicos estão tentando descobrir a melhor maneira de extrair o cano. Entraram em contato com um tipo de especialista, seja lá o que isso signifique.

Isso me deixa no comando da nave. Na incumbência de executar a ordem do Adorado Líder.

De garantir o Progresso Mogadoriano.

Ando de um lado a outro na ponte, observando a nave dos loriens na tela do radar. Estamos ganhando vantagem sobre ela, mas não voamos rápido o bastante.

— Chamem reforços — grito.

Os oficiais obedecem às minhas ordens. Sabem quem sou — alguns inclusive me reconhecem de quando liderei as tropas na base principal.

— Mapeiem a trajetória dos fugitivos e alertem as outras naves de guerra que estão neste continente de que existe uma nave lórica no ar. Não podemos deixá-la escapar. E precisamos de mais tropas no Santuário. Muitos loriens foram feridos, talvez fatalmente. Capturem todos que tiverem ficado para trás.

— Transmissão recebida da base de West Virginia — anuncia um oficial.

— Transmita-a — ordeno, apontando para um dos muitos painéis eletrônicos na ponte.

— Sinto muito — responde ele, com a voz um pouco trêmula, como se não estivesse certo de como prosseguir. — Mas fui instruído a entregar esta mensagem em particular a quem estiver no comando da nave. — Ele franze as sobrancelhas. — O Adorado Líder é capaz de...

— Eu sou a voz e os ouvidos dele neste momento — afirmo. — Leve-me a um lugar onde eu possa receber esta mensagem.

O oficial me leva até uma sala de reunião. Ele me deixa sozinha enquanto digito no painel de controle. Um mogadoriano nascido naturalmente aparece numa tela na parede oposta. Há uma cicatriz fina e irregular no topo de sua cabeça tatuada — que sei que é consequência do ataque do traidor Adamus a Ashwood Estates.

— Ah, Phiri Dun-Ra — diz ele, dando um sorrisinho. — Quando o chefe da equipe clínica me contatou, mencionou que a *Anúbis* estava no ar. Eu deveria saber que você havia assumido o controle.

— Dr. Zakos — murmuro. — Tenho uma nave para destruir. Se tem uma mensagem para mim, fale agora.

Zakos e eu nunca nos demos bem. O Adorado Líder costumava convidá-lo para visitar a base em West Virginia quando eu ainda estava estacionada lá. Zakos supervisionava todo tipo de experimentos e programas de acréscimos sonhados por nosso líder. Certa vez, um de seus pikens superpoderosos se soltou nos túneis das instalações e comeu metade de meus homens, que tentavam recapturá-lo. O médico tratou as baixas como perdas necessárias. Enquanto isso, precisei treinar um novo esquadrão.

Quando os lorienos fugiram, alguns dias depois, foi aquele grupo de soldados novos que os perdeu nos túneis.

— É admirável que tenha assumido o lugar do Adorado Líder tão depressa — comenta Zakos. — Mas perseguir essa nave está fora de cogitação, a menos que esteja no caminho para a base de West Virginia.

— É claro que não está.

— Então receio que você terá que abandonar a perseguição. — Sua expressão fica séria. O sorriso satisfeito desaparece. — O Adorado Líder precisa de minha atenção. *Agora*. Seu ferimento é grave e piora a cada segundo. A *Anúbis* não está equipada para tratar dos ferimentos.

— O Adorado Líder não será morto por um Garde patético — retruco, minha voz ficando mais alta. — Ele se erguerá outra vez para conquistar este mundo.

— É claro que sim — concorda Zakos. — Mas se erguerá muito mais rápido se eu o colocar nos tonéis de cura. Todo o tempo gasto perseguindo a nave lórica será um atraso no tratamento. Setrákus Ra precisará passar mais horas nos tonéis enquanto você ficará livre para... Fazer o quê, exatamente? Comandar a *Anúbis*? Isso parece bastante com traição, Phiri. Por outro lado, uma mogadoriana nascida naturalmente e em desgraça com certeza será bem-vista pelo Adorado Líder quando ele despertar e souber que sua recuperação foi acelerada por ter chegado logo às minhas mãos.

Cerro os dentes, sem conseguir responder.

— Ele me deu a ordem de acabar com eles — digo, depois de um momento.

— Se ele usar isto contra você, assumirei a responsabilidade — propõe Zakos. — O tempo é fundamental, Phiri Dun-Ra. Alertei o general Krah de que o Adorado Líder está... incapacitado de fazer contato no momento. Ele acredita que se trata de uma questão sobre a qual ninguém fora da *Anúbis* precisa saber. Entendido?

Concordo com a cabeça.

— Ótimo. Aguardarei sua chegada pessoalmente.

A transmissão é interrompida.

Fico imóvel por um instante, tentando descobrir o que fazer. Se deixarmos esses lorientos escaparem por entre os dedos, quem sabe quando será a próxima chance de matá-los? Será mais um fracasso para mim. E não há dúvida de que quero ver cada um daqueles infelizes implorar por misericórdia enquanto os torturo.

Mas Zakos tem razão. O Adorado Líder vem primeiro, sempre. Embora eu tenha recebido a ordem de destruir os lorientos, não posso ser a responsável por dificultar sua recuperação. Além disso, a melhor maneira de garantir a derrota da Garde é seguir as ordens de Setrákus Ra. Ele salvou nosso povo. Destruiu Lorient. A Terra será sua no momento em que ele desejar.

Se eu for condenada à morte por deixar os lorientos escaparem, que assim seja. Contanto que o Adorado Líder possa estar mais uma vez entre seus súditos, na plenitude de seus poderes.

Volto para a ponte.

— Atualize-me — ordeno.

— Vamos atravessar a fronteira dos Estados Unidos em dez minutos — diz o navegador. — Ganhamos um pouco de vantagem, mas os lorientos têm um piloto e tanto. Estamos com dificuldade para nos aproximar, e eles ainda estão fora do alcance de nossas armas.

Concordo com a cabeça.

— Envie o máximo de Escumadores de que pudermos abrir mão atrás daquela nave, mas a *Anúbis* precisa interromper a perseguição — afirmo. — Estabeleça uma rota até a base de West Virginia.

— O Adorado Líder... — diz o navegador, sem saber como terminar a frase.

— *Agora* — grito.

Então sou obrigada a ver a nave lórica desaparecer da tela do radar.

CAPÍTULO TRÊS

Volto à enfermaria enquanto seguimos na direção de West Virginia. Os médicos cortaram a maior parte do cano afundado no peito do Adorado Líder usando uma espécie de laser. Agora só restam uns dois centímetros para fora.

— Ele está vivo, mas *muito mal* — sussurra o nascido naturalmente encarregado dos cuidados quando o chamo de lado.

— Ele está *ótimo* — afirmo, estreitando os olhos. — Dizer algo diferente seria heresia. Lembre-se disso.

— É claro — responde ele de imediato. — Vou me certificar de que minha equipe também se lembre disso.

Pousamos no começo da manhã, ainda no escuro. Antes de pegarmos Setrákus Ra com a maca, instruo os médicos a colocarem um lençol sobre ele, apenas para o caso de haver soldados por perto. Não devem vê-lo assim. Ninguém deveria vê-lo assim.

O Dr. Zakos está nos esperando do lado de fora junto com meia dúzia de outros cientistas nascidos naturalmente que integram sua equipe.

— Direto para os tonéis — ordena ele a dois de seus homens, que levam correndo o Adorado Líder; em seguida, Zakos se vira para os outros. — Os demais, retirem toda a energia lórica que a *Anúbis* extraiu do Santuário. Sabem o que fazer.

Os homens emitem um grunhido em concordância e se apressam. Zakos então se volta para mim.

— Você fez bem, Phiri Dun-Ra. O Adorado Líder com certeza a recompensará.

— Por quanto tempo acredita que ele ficará inconsciente? — pergunto.

— É difícil afirmar com base nos relatórios médicos. Mas deve recuperar um pouco da consciência logo depois de ser colocado nos tonéis. A menos que os ferimentos sejam piores do que o previsto. — Zakos lança um olhar desconfiado para a nave atrás de mim. — Estou impressionado com a rapidez com que chegaram aqui.

— A tripulação da *Anúbis* é a melhor — digo. — Sabe como levar a nave ao limite.

— Sim. — Ele coça o queixo. — Uma tripulação e tanto, de fato. Considerando o que testemunharam, talvez seja melhor permanecerem na nave e se certificarem de que tudo está funcionando perfeitamente. — Ele aponta para as marcas chamuscadas nas laterais do casco antes de continuar: — Imagino que haja muitos consertos e diagnósticos a serem feitos.

Entendo aonde ele quer chegar. Nosso líder ficará bem — despertará mais forte do que nunca, sem dúvida —, mas não há motivo para o restante da frota saber que nosso comandante está em tratamento nos tonéis. Quanto menos pessoas souberem o que aconteceu no Santuário, melhor. Quando o Adorado Líder estiver recuperado, não fará a menor diferença, de qualquer forma.

— Cuidarei disso — digo.

— Ótimo — responde Zakos, assentindo. — A maior parte de nossos oficiais de patentes mais altas está nas naves de guerra, no momento, mas os que ainda estão aqui sabem sobre seu retorno. Creio que suas velhas instalações lá dentro estão vagas, se desejar usá-las.

Eu assinto.

— E recomendo uma bolsa de gelo para o olho. Está horrível.

— Eu estava em uma batalha — retruco. — Não na segurança de um laboratório, fazendo experiências em pikens.

— Como discípulo mais confiável do Adorado Líder, o encarregado de supervisionar seus planos para o Progresso Mogadoriano, é do interesse da frota me manter seguro, não acha? — Ele se vira para a base e fala por cima do ombro. — Precisarei de algum tempo a sós com ele. Venha me procurar em algumas horas. Temos muito o que conversar. Creio que achará meu trabalho muito interessante.

Eu me pergunto o que isso quer dizer. Com Zakos, nunca dá para saber. Volto para a *Anúbis*. Alguns integrantes da tripulação estão reunidos na ponta da rampa de embarque.

— Voltem a seus postos — ordeno a eles com um grito.

Acompanho-os a bordo e me conecto ao sistema de alto-falantes.

— Aqui é Phiri Dun-Ra, voz do Adorado Líder — anuncio. — Todos os membros da tripulação e soldados a bordo da *Anúbis* devem permanecer na nave até segunda ordem. Além disso, nossas comunicações estão bloqueadas. Qualquer transmissão feita para fora da nave deve ser liberada pelo Adorado Líder.

Em seguida, saio da *Anúbis*.

Fazia tanto tempo que eu não vinha à base que não estava preparada para o cheiro cáustico do lugar. Não parece ter mudado muito, exceto pelo fato de que os rios de líquido verde que fluíam pela câmara principal foram substituídos por uma gosma negra viscosa, similar à que Setrákus Ra usa para aumentar e melhorar nossas forças — deve ser fruto dos experimentos e novos acréscimos nos quais o Adorado Líder tem trabalhado desde que parti.

Ainda assim, minha mente é inundada pelas lembranças deste local, de treinar tropas e exigir o melhor de todos os mogadorianos nascidos artificialmente enviados a mim, estalando chicotes e hastes de choque em suas costas quando não atendiam às expectativas. Passo pelos currais dos pikens e krauls e pelas celas nas quais vi humanos, aliados lorienos e até mesmo algum Cêpan ou Garde se acovardarem de medo. Mesmo sem vê-las, sei que as câmaras de interrogatório ficam depois das celas, repletas de todo tipo de instrumentos e ferramentas criadas para extrair informações.

Não tinha percebido a saudade que sentia deste lugar.

Ignoro minhas instalações e sigo para a sala de comando central, o coração do Progresso Mogadoriano. Quero saber o andamento do restante das operações. Diferentemente das paredes de pedra da câmara principal, a sala de comando é elegante, com todas as superfícies de metal cinza-escuro. As paredes estão cobertas por computadores e monitores. Uma mesa no centro da sala exhibe um mapa digital com as naves de guerra espalhadas por todo o planeta.

A maioria dos mogadorianos nascidos naturalmente lá dentro parece ser de jovens oficiais em treinamento.

— Phiri Dun-Ra — chama uma voz baixa e grossa.

Eu me viro e me deparo com o general Krah. De modo geral, é raro um mogadoriano morrer de velhice. Passamos tanto tempo de nossas vidas lutando que não costumamos expirar por “causas naturais”. Mas Krah poderá se provar uma exceção, e não é por evitar o campo de batalha. Seu rosto é uma teia de cicatrizes.

— General Krah — respondo, cumprimentando-o com a cabeça em sinal de respeito.

Ele atravessa a sala com passos pesados. Quando volta a falar, sua voz está mais baixa, para que a conversa seja particular. Eu me preparo. Quando fui expulsa da base na montanha, Krah foi um dos oficiais responsáveis por escolher minha realocação.

— Dr. Zakos me informou sobre sua situação.

Ele estreita seu único olho bom, examinando meu rosto. O outro olho é de um branco leitoso, inutilizado por um ferimento infligido muito tempo atrás.

— Agi como o Adorado Líder desejaria — declaro. — Mas infelizmente deixei a escória Ioriena escapar. Os Escumadores perderam o rastro da nave deles em algum ponto no Texas. — Olho para o chão e prossigo: — Compreendo que este fracasso é imperdoável. Se implica o fim de minha vida, ofereço de bom grado meu pescoço para sua espada.

Krah resmunga.

— Você sempre foi uma boa combatente, Dun-Ra. Mesmo quando fracassa, sua lealdade jamais se abala. Fez o certo ao trazer o Adorado Líder, que seu reinado seja longo! Caso morra por suas ações, será pelas mãos dele, não pelas minhas.

Concordo com a cabeça, sentindo uma pequena onda de alívio percorrer meu corpo.

— Senhor — diz um dos oficiais em treinamento ao ficar de pé, retirando os fones de ouvido. — Várias naves de guerra ainda estão perguntando sobre a nave lórica que a *Anúbis* estava perseguindo. Acredito que vários dos capitães gostariam de enfrentá-la, se possível.

— Claro que sim — responde Krah, olhando de relance para mim.
— Sei que você esperava destruir os cretinos, mas deixou nossa frota na América do Norte inquieta.

— Como responderemos? — pergunta o jovem nascido naturalmente.

— Que as naves devem permanecer à espera — afirma Krah. — Que o Adorado Líder anunciará quando tiver novas ordens.

Ele levanta um pouco o queixo.

— E que nossa invasão à Terra está ocorrendo exatamente como ele planejou.

CAPÍTULO QUATRO

Krah me passa os detalhes sobre a campanha. Por ora, estamos em situação de espera. O voo inesperado da *Anúbis* ao Santuário mudou nosso cronograma. Quando o Adorado Líder despertar, seus planos serão retomados, mas, por enquanto, as naves de guerra aguardam em silêncio. A única anomalia foi que alguns humanos subitamente desenvolveram poderes como os dos Gardes. Mas, de acordo com Krah, no momento eles são mais uma curiosidade do que uma ameaça. Os humanos afetados mal parecem ter saído da infância, estão sem treinamento e são incapazes de usar suas habilidades recém-descobertas de forma que prejudique nossa causa. Na verdade, acredita-se que podem vir a ser úteis de outras maneiras.

Entendo isso um pouco melhor quando visito Zakos, à tarde.

Há cinco placas de metal que funcionam como camas ao longo das paredes do laboratório. Três estão vazias. Uma está coberta de sangue e de algo que parece com pedaços de carne humana. Em outra, está amarrada uma menina humana de cabelos curtos e ruivos, inconsciente. Zakos está debruçado sobre ela, espetando-a com um bastão conectado a um tablet nas mãos dele.

— Doutor — digo.

— Ah, Phiri. — Ele larga o tablet sobre a barriga da menina. Ela não reage. — Estava prestes a mandar chamar você.

— Quem é esta criança? — pergunto. — Pensei que já tivéssemos aprendido tudo sobre a anatomia humana.

Os olhos de Zakos brilham um pouco.

— Eu também. No entanto, esta menina exibiu sinais de poder lórico. Telecinesia, para ser mais específico. Há relatos de que humanos estão desenvolvendo outros tipos de Legados.

— E foi por isso que você a dopou, imagino.

— Exatamente — confirma ele.

— E aquele? — pergunto, apontando para a prancha em que o sangue está coagulando.

— Um erro estúpido de minha parte. Não voltará a acontecer. Tentei usar as mesmas técnicas de meu antecessor, o Dr. Anu, para isolar os Legados. Infelizmente, ao que parece, os métodos dele funcionavam *apenas* na fisiologia loriene. Fiz alguns ajustes. Como pode ver, este espécime ainda está vivo. E, se morrer, bem, várias das naves de guerra estão com equipes dedicadas a obter novas amostras para mim. Não creio que terei problema em encontrar mais objetos de pesquisa.

Eu me aproximo da menina adormecida e a observo melhor. Há sondas finas de metal saindo de seu peito e de seus braços. Os olhos se movem de um lado para o outro sob as pálpebras.

— Como eles conseguiram esses poderes? — indago.

Zakos ignora a pergunta com um aceno de mão enquanto se aproxima de um terminal de computador.

— Estou menos preocupado com *como* do que com *o que* podemos fazer com o recurso. O *como*, descobriremos mais tarde. Para que seja possível fazer engenharia reversa. Ou, o que é mais provável, o Adorado Líder saberá explicar.

— Como ele está? — pergunto.

— Veja você mesma.

Eu o acompanho por uma porta nos fundos do laboratório até uma imensa área aberta. O lugar cheira a enxofre, e há grandes retângulos pretos marcando o piso de metal, poços cheios da gosma escura que é bombeada para o corpo de soldados com acréscimos e que incuba os nascidos artificialmente.

São os tonéis de cura.

— Ele descansa abaixo de nós — conta Zakos. — Já começou a se recuperar. Não levará muito tempo até que volte a caminhar.

— Tão rápido?

— Sim — responde ele, parecendo um pouco irritado. — Ele projetou o sistema quando nos concedeu os mogadorianos nascidos artificialmente e *O Grande Livro do Progresso Mogadoriano*. Você precisa confiar no conhecimento dele, Phiri.

Cerro os dentes em resposta à insinuação de dúvida sobre minha confiança e me controlo para não estraçalhar a cara do doutor. Enquanto isso, ele mostra interesse pelos curativos em minhas mãos.

— Posso? — pergunta ele.

Estendo as mãos com relutância. Ele remove um dos curativos.

— Queimaduras — diz ele. — De energia, mas não das armas. Você deveria ter me falado sobre elas antes.

— São de uma espécie de campo de força que encontrei no Santuário dos Iorienos. Não preciso que sejam curadas. São um bom lembrete do que acontece quando sou menos do que o Adorado Líder gostaria que eu fosse.

— Ele gostaria de ter você no auge de seu potencial. — Zakos solta minhas mãos e aponta para um dos retângulos escuros no chão. — Vou providenciar curativos limpos. Se você espalhar um pouco do líquido dos tonéis nas palmas das mãos, vão se curar em um instante.

Vou até a tina e encaro a escuridão pegajosa. Alguns segundos se passam antes que eu enfie dois dedos na gosma preta. A substância é viscosa e quente, mas começa a formigar, esfriando, quando a espalho sobre os ferimentos.

Expiro com força.

— Pois é — diz Zakos, aparecendo atrás de mim. — Pode ser bem desagradável.

Ele pega minhas mãos outra vez, limpando o excesso com uma toalha antes de refazer o curativo com gazes brancas e limpas. Está terminando a primeira mão quando fala:

— Você é um soldado forte, Phiri Dun-Ra.

Não respondo.

— *Preciso* de soldados fortes.

— Para quê? — pergunto. — Obter mais cobaias para você? Não faço serviço de entrega.

— É claro que não — responde ele, dando um sorrisinho, e começa a mexer na minha outra mão. — Não fui muito claro. *Ele* precisa de você. Estou trabalhando em algo para o Adorado Líder...

Um projeto no qual ele tem *o maior* interesse. Uma nova maneira de armar nossas tropas.

— Ele desenvolveu novos acréscimos?

— Algo assim. Porém, apenas os mais fortes serão capazes de utilizar as novas armas. Não basta ser um mogadoriano nascido naturalmente, é necessário ter força física e mental. Resistência. E lealdade.

Ele me olha nos olhos.

— Você tem tudo isso, Phiri — continua ele. — Antes de voar para o Santuário, o Adorado Líder me passou planos e metas bastante específicos a respeito do futuro do Progresso Mogadoriano, e sei que nada o deixaria mais feliz do que sair dos tonéis e se deparar com uma nova força para comandar. Você servirá ao nosso glorioso comandante e ascenderá ao nível que ele exige de você?

Eu sustento seu olhar, tentando processar o que estou ouvindo. Mas, no fim, sei que só há uma resposta para essa pergunta.

— Farei qualquer coisa que o Adorado Líder me pedir.

— Esperava por essa resposta — diz ele, enquanto termina de fazer o curativo em minha outra mão. — Começarei logo os preparativos. Mandarei buscá-la quando tudo estiver pronto. Vá descansar um pouco. — Ele sorri antes de acrescentar: — A evolução pode ser um processo doloroso.

CAPÍTULO CINCO

Depois de me encontrar com Zakos, segui para minhas velhas instalações na base. Não restou nenhum de meus pertences, exceto por alguns uniformes antigos e uma cópia toda marcada do Grande Livro. Ainda assim, sinto uma sensação boa por estar de volta depois de tantas noites estacionada no México, me perguntando como atravessaria o campo de força do Santuário. Na pequena cama do quarto, durmo o sono profundo e sem sonhos de quem se manteve apenas à base de adrenalina por dias.

Na manhã seguinte, Dr. Zakos manda me buscarem um pouco depois que acordei. Já passou bastante tempo desde o nascer do sol. Sei que meu corpo precisava de descanso, mas ainda assim me sinto preguiçosa, como se eu devesse ter acordado no alvorecer e feito alguma coisa, qualquer coisa, a fim de contribuir para o avanço da invasão.

Olho meu rosto no espelho antes ir para o laboratório. O olho não está mais tão inchado como antes, mas começou a ficar escuro, deixando a pele em uma mistura de roxo, amarelo e tons profundos de preto. Minha mente é invadida por flashes de quando fui amarrada no México, com Adamus e Seis batendo em mim.

Prometo a mim mesma que, se algum dia voltar a vê-los, vou me assegurar de fazê-los sangrar lentamente enquanto assistem, impotentes, à morte dos amigos, antes de eu sequer começar a considerar aliviá-los com a morte. Não pela desgraça que me causaram ao me tomarem como prisioneira, mas pelos ferimentos que infligiram ao Adorado Líder. Eles pagarão caro.

Alguém limpou o sangue do laboratório do Dr. Zakos, mas ele não está aqui. Fico esperando por alguns minutos, passando os olhos pelos diversos papéis empilhados em sua mesa de trabalho: projetos

de novos monstros, atualizações potenciais de armamentos, rascunhos sobre os humanos que desenvolveram poderes lóricos.

Sou interrompida por um arfar rouco atrás de mim.

Eu me viro na ponta dos pés e saco a arma em um único movimento fluido. Na minha mira está a menina ruiva na prancha de metal. Sua aparência está diferente da que testemunhei no dia anterior. Parece mais pálida, as bochechas fundas. Ela mexe os lábios, mas não sai nenhuma palavra. Ao contrário de antes, seus olhos estão abertos — grandes, verdes e injetados, encarando o nada.

Vou até ela. Em torno da cama, há todo tipo de aparelhos, grandes peças de maquinário e equipamentos computadorizados com agulhas, tubos e eletrodos pendurados. Eu me agacho a seu lado.

— Humaninha de sorte — digo. — Não faz ideia da honra que é estar na sua posição. O que quer que o Adorado Líder e o Dr. Zakos tenham planejado para você, certamente tornará nossos exércitos mais fortes, acelerando o Progresso Mogadoriano e a invasão de seu planeta. Qualquer dor que suportar neste laboratório é para o bem maior de meu povo. Você devia se considerar sortuda: ao contrário da maioria dos humanos, sua morte terá importância.

Quando termino, seus olhos se viram de repente em minha direção, arregalados e cheios de horror. Sorrio, sabendo que ela me ouviu. Que ela entendeu.

Ela arfa com dificuldade mais uma vez, então suas pálpebras se fecham, e ela fica inconsciente de novo. É quando ouço uma voz vinda dos tonéis. Passo pela porta e logo sou atingida pelo mesmo cheiro de enxofre do dia anterior, mas ainda mais forte.

— Dr. Zakos — chamo, então percebo o que está acontecendo diante de mim.

Zakos está vestindo seu jaleco branco, de pé próximo a um dos poços escuros. Tem um tablet nas mãos. No tonel abaixo dele está o Adorado Líder, submerso até os ombros em gosma preta. Seu rosto está coberto por uma camada lisa do líquido denso.

— Adorado Líder! — exclamo, caindo de joelhos com tanta força que, por um instante, acho que quebrei os ossos. — Perdoe-me. Não

tive a intenção de interromper.

— Levante-se, Phiri Dun-Ra — ordena ele, sua voz profunda enchendo o ambiente.

— Ah, aí está você — diz Zakos, erguendo o tablet. — Eu estava apenas atualizando nosso ilustre comandante sobre o estado de sua frota e sobre tudo o que aconteceu nas últimas horas. Incluindo seu voo do México.

— Você assumiu o controle da *Anúbis* quando eu estava... — começa meu líder, então faz uma pausa. — Quando eu estava indisposto.

— Sim... — Hesito antes de prosseguir: — Agi como sua voz. Havia caos onde deveria haver ordem, e tentei corrigir isso e agir garantindo seus interesses. Sei que não tinha direito de fazer isso e ofereço minha vida como...

— Pois fez bem, Phiri — interrompe ele. — Na verdade, tenho planos para você. Pode chamá-los de recompensa. Por idealização minha, Dr. Zakos desenvolveu uma nova forma de acréscimo. Quero que seja a primeira a testar.

— Eu?

— Quem melhor do que aquela que demonstrou que não deixará nada impedi-la de provar sua lealdade? O processo será doloroso. Pode levá-la à beira da morte. Preciso de alguém com o desejo de sobreviver, de suportar... de servir como minha voz enquanto me recupero. Minha voz e meu *braço*. Vamos deixá-la mais forte, invencível, e, assim, você se tornará a mensageira do fim deste mundo. Sairá deste processo renovada, como minha arma mais poderosa.

Sinto o coração batendo forte no peito. Sou tomada por uma sensação de contentamento e alegria diferente de qualquer coisa que já senti.

— Tudo o que precisa fazer é sair viva do processo — diz ele.

Tento falar sem deixar a voz estremecer. Por um instante, eu me lembro do sangue e da carne na mesa do laboratório no dia anterior. Eu poderia acabar assim, a primeira a testar o novo acréscimo.

Mas é a vontade dele.

— Meu propósito é servi-lo, Adorado Líder. Agradeço por me honrar desta forma, apesar de meu fracasso na captura dos loriens que fugiram do Santuário.

Ele solta uma risada curta.

— Não se preocupe com os loriens por enquanto, Phiri Dun-Ra. O destino deles está selado. Eu previ o fim dos Gardes e de seus aliados. A derrocada deles virá de seu próprio grupo. — Os lábios dele se curvam em um sorriso, fazendo escorrer gosma preta pelos dentes afiados e cinzentos. — Não estava apenas me recuperando aqui na escuridão. Tive sonhos.

Antes que eu consiga qualquer explicação sobre o que isso quer dizer, o Adorado Líder começa a afundar no tonel.

— Acho que preciso de mais algumas horas — informa ele a Zakos antes que o líquido cubra seus lábios. — Então vou querer ver como ficou nossa nova soldada.

— É claro, Adorado Líder.

E submerge.

Quando ele desaparece, mal me contendo. Percebo que estava prendendo a respiração, e expirar faz minha visão ficar turva por um instante enquanto sou tomada por uma descarga de adrenalina.

Eu sou a voz do Adorado Líder. Sou o punho que esmagará os loriens, e depois os humanos. Estou cumprindo meu propósito.

Quando ergo o olhar, Zakos está me encarando. Ele guardou o tablet no imenso bolso do jaleco e está segurando o que parece uma serra cirúrgica. Então aponta com o objeto para a porta do laboratório.

— Muito bem, muito bem. Você ouviu o Adorado Líder. Ele está satisfeito com seu trabalho e anseia saber como posso melhorar suas habilidades. Então... — Ele sorri. — Vamos começar?

PARTE II

VINTARO ÜSHABA

CAPÍTULO SEIS

Os humanos são pedaços de merda de kraul.

Pelo menos os loriens resistiram.

Eu era novo na guerra quando invadimos Lorien. Tinha acabado de sair dos tonéis. Fui criado e treinado para aniquilar toda uma civilização. Logo que meus dedos conseguiram pressionar o gatilho, minhas mãos ganharam uma arma. Eu fazia parte da mais jovem leva a juntar-se à missão. Tínhamos uma diretriz: viver conforme as palavras do Grande Livro. *Conquistar, consumir, cauterizar*. Deixar o Adorado Líder orgulhoso.

Viva nosso Adorado Líder!

Disseram-nos que os loriens eram um povo que valorizava a paz acima de tudo. Mas eles não aceitaram seu destino sem brigar. Os chamados Gardes, os loriens com poderes, lutaram muito. Perdi metade do meu esquadrão para uma menina que atirava lasers pelas mãos e um homem capaz de controlar chamas — e essas não foram sequer as coisas mais estranhas que eu vi naquele dia. Mas os Gardes não cumpriram seu propósito. Eles fracassaram em proteger seu planeta e seu povo. É *claro*. Não tinham chance contra nós. Contra mim. Mas tiveram uma morte honrada, lutando até o último segundo.

A maioria deles, quer dizer. Destruí prédios onde loriens covardes se escondiam, rezando para seus líderes inúteis. Esperando que alguém os salvasse, ou que seguissemos em frente e nos esquecêssemos deles.

Não sei ao certo quanto tempo levou para o planeta sucumbir. Tudo aconteceu em uma confusão de bombas, tiros e sangue. E então acabou. O que sei é que a luta acabou cedo demais. Quando saímos de Lorien, eu me sentia feroz, como se pudesse passar o

resto da vida incendiando os campos daquele planeta, destruindo as cidades — ou, melhor ainda, arrancando os últimos sobreviventes dos esconderijos e cortando suas gargantas em nome do Adorado Líder.

Nossas naves acabaram com o planeta, destruindo qualquer sinal de vida que tivesse sobrevivido ao ataque. E Setrákus Ra ficou satisfeito.

Que seu reinado seja longo!

Depois, fui enviado para a Terra. De várias formas, o planeta parece uma combinação de Mogadore e Lorien, habitado por um povo que idolatra a paz e a guerra ao mesmo tempo. No começo, fiquei otimista. Pensei que tinha *sorte* por estar lotado aqui. Que os humanos dariam boas presas.

No geral, não é o que acontece. Eles se sujeitam. São fáceis de controlar. Não vi graça alguma em dominá-los, nenhuma emoção em vencê-los.

Aqui neste planeta azul e verde, venho trabalhando escondido há anos, muito antes de nossa presença ser reconhecida. Fui um dos muitos enviados para procurar os últimos Gardes, que se mostraram muito melhores em se esconder do que em lutar. Foi assim que aprendi tudo sobre os humanos. Foi necessário para me disfarçar e me misturar à população quando necessário. Eu os enfrentei de igual para igual enquanto perseguia os loriens restantes, intimidei os poderosos para fazê-los se juntarem a nós e silencieei aqueles que viram demais. Em todos esses anos, quase não tive dificuldades. Mesmo quando torturados para revelar informações — pessoas que abrigaram Gardes involuntariamente ou tentaram alertar os humanos quanto à nossa presença —, abriam o bico com muita facilidade. Eu nunca precisei forçar *muito* a barra com esses. Ou fiz isso só por diversão, depois de já ter descoberto tudo o que precisava saber.

Imaginava que tudo mudaria quando nossas naves de guerra pairassem sobre suas cidades. Acho que alguma coisa aconteceu nos lugares onde os humanos e os Gardes nos enfrentaram de maneira ativa. Mas não em Chicago, onde estou lotado: aqui, liderei um esquadrão em um ataque a um esconderijo Garde há pouco tempo,

capturando um dos alvos mais valorizados pelo Adorado Líder. Permitimos a evacuação porque o Adorado Líder — *Louvado seja seu nome!* — tem planos para este planeta, talvez até mesmo para seu povo. Não é como Lorien. Não estamos aqui apenas para destruir. Não questiono o raciocínio. Sei que é infalível.

Assim, estive em patrulha, trucidando pequenos focos de resistência desde que revelamos ao humanos a verdadeira face de seus mestres. Meia dúzia de policiais aqui, um bando de estudantes irritados ali. Algumas pessoas tentando sair da cidade em desespero — que calharam de estar no lugar errado na hora errada —, só para manter o sangue pulsando.

O que eu não daria para estar em uma das cidades onde há luta de verdade. Sinto nos músculos e nos ossos. A necessidade de disparar minha arma e usar minhas lâminas. De agarrar os inimigos pelo pescoço e olhar em seus olhos antes de liquidá-los. Sinto muita saudade dos velhos tempos, antes de nos revelarmos. Sinto saudade da caçada. Sinto saudade do suor da batalha e de sentir a pulsação da pele de uma vítima em minhas mãos. Anseio por matança e derramamento de sangue. Qualquer coisa que não seja o tédio de lidar com humanos.

Foi por isso que, quando soube que meu capitão queria me ver na sala do conselho de nossa nave de guerra, alguns dias depois de pararmos sobre Chicago, não pude deixar de passar a língua pelos dentes e torcer para que ele me desse a oportunidade de fazer algum estrago de verdade. De voltar à luta, acabando com toda essa espera. Sem falar que apenas estar na presença do capitão da nave é uma honra. Sou líder de um esquadrão de soldados nascidos artificialmente — alguém que provou seu valor na batalha —, mas minhas ordens ainda vêm de oficiais nascidos naturalmente de níveis inferiores.

Pego um Escumador até a nave de guerra e espero na sala do conselho com dois outros veteranos nascidos artificialmente. Têm cicatrizes no rosto, e um perdeu vários dentes. Eles estiveram na ativa. São bons soldados.

Ficamos enfileirados enquanto esperamos. Nenhum de nós faz especulações sobre por que fomos chamados. Pelo menos não em

voz alta. Saberemos em breve, então cumprimos as ordens. Rapidamente. Impiedosamente. Orgulharemos nossos companheiros.

O capitão entra e nos avalia, assentindo, como que para aprovar a seleção feita. Ele anuncia nossos nomes. Damos um passo à frente quando chamados. Sou o último.

— Vintaro Üshaba. — O capitão faz uma pequena pausa. — Por que escolheu esse nome?

Ele se refere ao meu primeiro nome. Como todos os nascidos artificialmente, meu sobrenome é retirado do local onde fui criado.

— “Vintaro”, na língua antiga, quer dizer “destruir”. É o que me motiva.

O capitão dá um sorrisinho. Parece gostar da resposta.

— Chamei vocês aqui para uma missão especial — diz ele, caminhando de um lado para outro à nossa frente. — Desde que chegou ao conhecimento do Adorado Líder que alguns humanos começaram a apresentar poderes semelhantes aos dos Gardes, seus esquadrões têm estado à procura desses espécimes em terra. Ele, em sua infinita sabedoria, gostaria de examinar alguns desses humanos marcados. De agora em diante, vamos assumir uma abordagem mais proativa na coleta desses prisioneiros. Soube que vocês três são os melhores soldados nascidos artificialmente desta nave.

Resmungo, concordando com a cabeça, mas mantendo o olhar voltado para o chão.

— A missão de vocês é simples. Cada um irá liderar esquadrões infiltrados e encontrar esses humanos com poderes lóricos. Nosso departamento de reconhecimento fornecerá pistas a vocês. Quaisquer recursos de que precisarem estarão disponíveis. No entanto, lembrem-se: devemos manter a “paz” que prometemos às cidades que não ofereceram resistência. — Ele exhibe uma fileira de dentes cinzentos. — Não deixem rastros.

— Sim, senhor! — respondemos todos em uníssono.

Ele segue na direção da porta, avisando que receberemos mais informações em breve e que nossos esquadrões já foram escolhidos

e estão esperando nossas ordens. O capitão está prestes a sair quando para.

— Uma última coisa — diz, voltando-se para nós. — É fundamental trazer os prisioneiros com vida. — Ele faz uma pausa por um instante, dando de ombros. — Mas qualquer um que ficar no caminho é eliminável. Agora, estão dispensados. Voltem para os alojamentos e comecem os preparativos. Quero que partam assim que a oficial de reconhecimento passar as informações.

Quando a porta se fecha atrás dele, sorrio. Não dá para evitar.

Humanos com poderes lóricos. Não sei como é possível, mas não faz diferença. Não *preciso* entender. Tudo o que sei é que tenho uma missão. Estou de volta à luta, e nenhuma presa vai me escapar.

É hora da caça.

CAPÍTULO SETE

Algumas horas depois da reunião com o capitão, o departamento de reconhecimento envia uma lista de nomes e locais para o tablet de cada líder de esquadrão. Dividimos os alvos com base na localização. Reúno meus homens. Eles conversam em voz baixa uns com os outros. Não entro na conversa, nem me importo em saber quem é quem. Não importa como se chamam — saberei seus nomes no futuro, quando estiverem contando histórias sobre nossas vitórias. Quando tiverem provado seu valor. Tudo o que esses soldados precisam fazer é obedecer às minhas ordens. E o farão. Nascemos para obedecer, e assim conquistaremos o favor *dele*.

Viva nosso Adorado Líder! Que seu reinado seja longo!

Nosso primeiro alvo é um adolescente de um bairro rico ao norte de Chicago que andou se gabando, pela internet, por ter feito o computador flutuar pela sala. Há algumas fotos tiradas do perfil dele na rede que podem ser usadas para identificá-lo. Carregamos um Escumador com armas, equipamentos de contenção e seringas cheias de um composto sedativo, só para o caso de esses humanos conseguirem usar seus poderes recém-descobertos. Seguimos para a casa do menino, de onde as mensagens foram enviadas, segundo o endereço de IP. Fica distante da cidade, de modo que deve acreditar que está a salvo. Que podemos ignorá-lo.

Humanos burros. Como se nosso alcance não abrangesse toda a galáxia.

A rua não fica exposta e é tranquila, cheia de casas imensas em terrenos amplos. A mansão para a qual estamos nos dirigindo fica no final de uma rua sem saída. Isolada. Ainda assim, derrubamos alguns postes antes de pousarmos, apagando a iluminação pública.

Em combinação com a blindagem discreta, isso permite uma aproximação bastante silenciosa.

Avançamos em silêncio, os quatro soldados seguindo minhas orientações. Vemos luzes fracas pelas janelas da casa. O brilho alaranjado das velas e o branco intenso das lanternas e dos dispositivos eletrônicos operados por bateria. As pessoas lá dentro devem estar assustadas e confusas.

Exatamente como queremos que estejam.

A porta da frente é grande e feita de madeira espessa. Como a entrada é estreita demais para o esquadrão, faço um sinal para a esquerda, e eles me seguem pela lateral da casa, onde imensas portas de vidro dão para um salão. Há uma mulher de pé ali, acendendo velas em um candelabro sobre uma mesinha lateral. Ela está com as sobrancelhas franzidas, formando marcas de expressão profundas, conforme passa de um pavio a outro.

Ela nos vê logo antes de um de meus soldados atirar uma imensa floreira de concreto na porta de vidro, estilhaçando-a. A mulher mal solta um grito antes de as armas abrirem fogo. Ela cai na mesma hora, derrubando as velas, que incendeiam um pedaço de tecido jogado sobre a mesa, iluminando o ambiente com chamas quentes.

Meus lábios se abrem em um sorriso.

— Encontrem-no — resmungo, e meus homens partem.

A casa é grande demais, com muitos lugares onde se esconder. Por sorte, a maior parte das pessoas vem correndo em nossa direção. Tentando descobrir por que o vidro quebrou. Por que a mulher gritou. Há mais humanos do que eu tinha imaginado. Talvez sejam amigos ou familiares dos proprietários se escondendo na mansão — talvez tenham saído da cidade durante a evacuação e imaginaram que poderiam ficar a salvo mais distantes das naves de guerra. Desabam tão fácil quanto a primeira mulher, chocados demais para reagir ao ver nossos rostos. Nossas armas. Eu me pergunto se seus cérebros sequer processaram o que está acontecendo antes de caírem em silêncio.

Os humanos são parecidos com os loriens em alguns aspectos. A anatomia, por exemplo. Seus corpos não se desintegram e nem desaparecem, unindo-se ao universo. Ao Adorado Líder. Em vez

disso, ficam lá. Mortos. Sangrando. Um lembrete, a todos que os veem, de que não foram capazes de sobreviver. Apodrecem quando expostos, em um ritmo muito mais lento do que os mogadorianos nascidos naturalmente — as melhores partes de nossos líderes desaparecem, como os nascidos artificialmente. O fim de um humano é uma desgraça. Não há honra em uma morte assim.

O cheiro acre dos disparos das armas enche o ar, misturando-se com a fumaça que se ergue das chamas que continuam a se espalhar pela mesa. Inspiro fundo. Pela primeira vez em muito tempo, sinto satisfação. Sinto como se estivesse fazendo o que nasci para fazer.

O garoto que estamos perseguindo faz uma breve aparição antes de dar meia-volta e fugir. Ele corre para subir uma escadaria. Covarde. Nós o perseguimos, saltando sobre os corpos. Batemos as botas no piso frio de cerâmica da entrada da casa. Antes de chegarmos aos primeiros degraus, ouvimos um tiro. Um humano com uma espingarda de cano duplo na mão começa a recarregá-la. Um de meus homens está caído. É sua própria culpa — era *dever* dele estar cuidando do flanco esquerdo.

O soldado não está morto, mas ferido. O braço esquerdo desapareceu, junto com a arma. Por sorte, ainda tem uma adaga. Ele saca a lâmina do cinto e dá um salto. Seus gritos são de pura raiva quando ele aterrissa sobre o humano, derrubando-o. Ao bater no piso de cerâmica, a cabeça do homem faz um barulho como o de algo que se quebra. Só isso deve tê-lo matado. Mas, por via das dúvidas, pode-se usar a lâmina. O sangue forma uma poça no piso. Deixo o soldado continuar seu trabalho e subo com os outros três membros do esquadrão.

Encontramos o alvo em um quarto no andar de cima, escondido sob uma mesa. Eu o arrasto para fora e o levanto no ar com uma das mãos, segurando o tablet do lado de sua cabeça com a outra. Encontrado.

— Pare, por favor — pede ele, implorando. — Farei qualquer coisa. Temos dinheiro. É o que vocês querem? Se me deixarem ir até o quarto dos meus pais, tem um...

Enfio a agulha de uma seringa no braço do garoto. Ele amolece. Deixo seu corpo cair no chão e faço um sinal para um de meus homens, que pega o menino e o apoia por cima do ombro.

— Para fora — ordeno.

No andar de baixo, o soldado sem um braço paira sobre um corpo esfaumado. Ele parece ter usado o cano quente da arma para cauterizar o coto onde o braço ficava. Há sangue humano pingando do uniforme.

— Seu merda — diz ele, chutando o cadáver. — Aquela era minha mão boa.

Sáímos por onde entramos, passando por cima dos corpos caídos. As chamas se espalharam para o tapete, mas ameaçam se extinguir. Vejo um armário grande cheio de garrafas. Álcool. Derrubo o móvel inteiro. Os vidros se quebram. O álcool se esparrama pelo chão. Quando passamos pelo espaço em que ficava a porta deslizante, o líquido incendeia atrás de nós.

Tecnicamente, o fogo dificultará o trabalho de quem for determinar o que aconteceu ali. Mas, para ser sincero, não era o que eu tinha em mente quando derrubei o armário. Só queria ver o lugar queimando de cima, assim que voltássemos para o Escumador. Ver a noite ser iluminada pelas chamas.

E, bem como eu esperava, quando partimos, a visão é gloriosa.

CAPÍTULO OITO

Deixamos o prisioneiro sedado na nave de guerra. Nosso homem ferido é substituído por um novo soldado. Ele xinga entredentes, insistindo que ainda consegue lutar, mas preciso que todos na minha equipe estejam operando plenamente. Então, seguimos em busca de nossos alvos seguintes. Mais dois adolescentes, desta vez em Wisconsin, onde não temos nenhuma nave de guerra.

A primeira parada é nos arredores de Milwaukee. Uma casa muito menor do que a que encontramos em Chicago. Esta levaria poucos minutos para arder inteira em chamas. Chegamos no meio da noite, mais uma vez pousando o Escumador na rua. A vizinhança é tranquila. A porta está destrancada. Encontramos um adulto dormindo. Nem sequer nos ouve chegar. Mas o objeto de pesquisa, sim. Ele se acovarda encolhido no canto do quarto, com lágrimas escorrendo pelo rosto, enquanto grita que foi uma piada. Que estava “tirando sarro” dos amigos. E que achou que seria “legal” se alienígenas aparecessem para poder conhecê-los.

Pelo menos seu desejo foi atendido.

O único momento em que dá um sinal de coragem é quando estendo o braço para pegá-lo. Ele atira uma luminária em mim, quebrando-a em meu peito. Não me abalo. O garoto tenta passar correndo por mim, mas não dá mais do que alguns passos antes de eu o atingir na nuca com a coronha da arma, e desaba como uma marionete cujas cordas foram cortadas. Faço um sinal para um de meus subordinados, e o alvo é sedado e carregado.

Toda a ação demora no máximo cinco minutos. Nossos movimentos são precisos e impiedosos.

Um voo curto nos conduz até o último alvo da noite, em Madison. Eu mesmo piloto o Escumador, aproveitando a sensação do controle

nas mãos. Meus homens ficam em silêncio em seus lugares atrás de mim a maior parte do tempo. Em algum momento o novo membro do esquadrão pergunta:

— O que aconteceu com Görde?

Ele deve estar se referindo ao soldado que perdeu o braço.

— Espingarda — responde um dos outros. — O humano nos pegou de surpresa. Ele perdeu o braço. Mas deu o troco. Estraçalhou o cara como um piken faminto que acabou de ver um kraul suculento.

— O Adorado Líder ficaria orgulhoso.

— Talvez — digo. — Ou talvez condenaria o infeliz por deixar o humano feri-lo. Görde deveria estar prestando atenção. Cuidando de seu flanco. *Nosso* flanco.

Meus soldados se calam.

Nosso último alvo foi rastreado em um condomínio de apartamentos no que parece ser uma parte decadente da cidade. A garota é diferente dos outros que pegamos, mas só porque não foi pela própria burrice que entrou em nosso radar: alguém deu a dica para uma agência que nossos especialistas em computação estão monitorando. Pousamos em um pequeno parque do outro lado da rua. O pouco de grama que ainda resta é destruído por nossos pés quando marchamos pela noite.

— Fiquem atentos — murmuro a caminho do condomínio. — Muita gente espremida em moradias apertadas. Podemos esperar resistência.

Os soldados resmungam atrás de mim. Há alguns humanos reunidos no estacionamento. Quando nos veem, ficam paralisados. Levam alguns segundos para compreender quem somos. O que somos. Então, saem correndo. Levo o dedo ao gatilho, esperando que eles reapareçam com armas ou mais gente, tentando evitar que nos aproximemos mais de suas casas. Mas não voltam.

Típico. Humanos se escondem em vez de enfrentar a ameaça de frente.

O edifício é feito de corredores abertos, de modo que a porta da frente de cada unidade dá para a área externa. Encontramos a que estamos procurando no primeiro andar. A porta desaba com um

chute. Meus homens invadem. Pelo canto do olho, vejo uma fresta da persiana do apartamento ao lado se abrir, mas quando viro nessa direção, já está fechada outra vez.

Ninguém aparece.

Não há nenhum adulto lá dentro, apenas a menina que viemos buscar. Ela salta do sofá, os longos cabelos pretos caindo sobre o rosto. Os olhos escuros estão arregalados de medo.

— O que vocês querem? — grita a garota. — Quem...

Mas ela não termina. Já deve ter entendido. Olho a foto e os dados no tablet. Combinação perfeita. Até que foi fácil.

— Levem-na — ordeno.

Meus homens dão um passo à frente.

É quando as coisas começam a se mexer.

Primeiro são apenas as tralhas espalhadas pela sala. Latas de refrigerante, livros, alguns pratos sujos. Tudo começa a flutuar do carpete manchado. A menina ergue os braços. Então, ouvimos um som grave seguido por uma onda de força invisível. Ainda estou na porta de entrada, e a onda me atinge como uma parede de tijolos, me jogando para trás, e caio no piso de concreto do lado de fora. A janela da frente do apartamento estoura, e o vidro se espalha ao meu redor. O esquadrão lá dentro enfrenta o impacto do ataque. Alguns deles parecem estar com o nariz quebrado. A desgastada mesa de centro e as porcarias que flutuavam estão todas empilhadas junto às paredes.

Eu me levanto do chão.

De pé, sem nada por perto, a menina parece mais indefesa do que antes. Os cabelos flutuam ao seu redor como se ela estivesse eletrificada. Aos poucos, começam a voltar para o lugar. Seus olhos se enchem de lágrimas. Ela lança as mãos para a frente de novo conforme meus homens começam a se levantar.

Mas, desta vez, nada acontece. Nenhuma onda de telecinesia. Nem mesmo uma brisa.

A garota parece desesperada. Seus olhos estão ainda mais arregalados, a boca aberta em um grito silencioso.

— Parece que seu poder deixou você na mão — comenta um soldado, com um sorriso.

Ela enrijece o maxilar e cerra os punhos. A garota é uma guerreira, preciso admitir. É mais digna de nosso tempo do que a maioria dos humanos.

— John Smith irá caçar vocês — grita ela. — Eu o vi na minha cabeça. Somos muitos. Centenas. Vocês nunca vão se safar, seus monstros de merda!

Reconheço o nome a que ela se apega. Conheço o rosto dele. Conheço o rosto de todos os Gardes que nos desafiaram, já que eles também saíram das sombras. Mas ela deposita sua fé em uma esperança falsa.

— John Smith não pode salvá-la — declaro. Entro no apartamento e me viro para os membros do esquadrão. — Eu disse para vocês a pegarem.

Ela morde e bate em meus homens. Até que seu corpo amolece. Uma seringa vazia se parte ao ser atirada de lado.

Na saída, vejo mais olhos nas janelas, espiando através de cortinas entreabertas e aberturas de persianas. As portas dos outros apartamentos continuam trancadas. Ninguém tenta nos impedir. Talvez seja a emoção da caçada ou o barato da destruição que provocamos nesta noite, mas saber que toda aquela gente acredita estar a salvo atrás das portas faz meu sangue ferver.

Tenho discos explosivos no cinto e, por um instante, penso em soltá-los. Destruir todo o condomínio.

Mas isso não faz parte da missão. Nossa violência deve ser mantida fora de vista. Pelo menos até o Adorado Líder decidir que os humanos não lhe têm mais serventia.

Louvado seja seu nome!

Nenhum dos alvos se mexe no voo de volta. Alguns de meus homens examinam os ferimentos que a menina lhes infligiu.

— Maldita humana — resmunga um deles, o novato. — Deveríamos acordá-la e mostrar o que é dor de verdade. Cortá-la, mas não muito, para podermos dizer que aconteceu durante a ação.

— Se tocar naquela garota, eu mesmo transformo você em pó — ameaço. — O Adorado Líder quer esses objetos de pesquisa vivos. São propriedade dele. Você mutilaria alguma coisa que pertence a ele?

O soldado se cala.

— Glória ao Adorado Líder — diz outro.

Mais uma vez, o Escumador fica em silêncio.

O sol ainda não nasceu quando chegamos à nave de guerra. Levo os alvos nos ombros até os laboratórios. Eles são leves. Frágeis.

Há vários mogadorianos nascidos naturalmente na ala, amontoados em torno de diversos espécimes humanos que foram capturados nesta noite. Como o adolescente do subúrbio de Chicago. Ele acordou. Está amordaçado. Os olhos estão arregalados de medo enquanto os doutores o examinam.

Um dos mogadorianos nascidos naturalmente se vira para mim quando entro. Ele está usando um jaleco comprido. Nunca o vi antes, mas isso não é surpresa. É raro estar com meus superiores nascidos naturalmente.

Seus olhos brilham quando ele vê os humanos pendurados em meus ombros.

— Uma nova entrega de espécimes. Que maravilha.

Ele aponta para algumas mesas de metal vazias. Coloco os objetos de pesquisa sobre elas.

— Esta menina com certeza tem telecinesia — conto. — Ela nos enfrentou quando a encurralamos. É bom mantê-la sedada.

Um sorriso atravessa o rosto do nascido naturalmente enquanto ele avalia a humana.

— Perfeito — diz ele. — Qual é seu nome, soldado?

— Vintaro Üshaba.

Ele assente.

— Você serviu bem ao Adorado Líder, Vintaro. Seu trabalho nos ajudará a dar início a uma nova era do Progresso Mogadoriano.

Outro nascido naturalmente para ao lado dele.

— A nave está pronta para o voo até West Virginia.

— Excelente — responde ele, seguindo na direção da porta. Ao sair, aponta para a menina. — Carregue-a para a nave. Parece que ela tem força para sobreviver aos procedimentos do Dr. Zakos.

CAPÍTULO NOVE

Durmo profundamente. Estou satisfeito.

Acordo faminto por mais.

Os alojamentos dos mogadorianos nascidos artificialmente ficam em um dos níveis mais baixos da nave de guerra, um salão gigante com paredes cheia de pequenas unidades de repouso, de tamanho suficiente apenas para nos sentarmos nelas. Ficam empilhadas umas sobre as outras, do chão ao teto. Em cada uma há um colchonete de espuma e um uniforme extra dobrado como travesseiro. É tudo de que precisamos. Durmo apenas por algumas horas até que um interfone perto da minha cabeça toca um som estridente. Uma voz saindo do alto-falante ordena que eu me apresente à sala do conselho outra vez.

Salto da minha unidade de repouso, passando pelas outras sete sobre as quais a minha está empilhada, e pouso, agachado. Então, começo a percorrer a nave o mais rápido que posso, subindo a escada que leva aos deques mais altos onde os mogadorianos nascidos naturalmente comem, dormem e trabalham.

Quantos alvos teremos hoje?

Meus dedos formigam de expectativa.

Graças ao Adorado Líder terei esta gloriosa oportunidade.

Sou o primeiro a chegar à sala do conselho, mas os outros dois líderes de esquadrão que estavam presentes no dia anterior chegam em seguida. Eles estão tão animados quanto eu para entrar em ação.

— Vocês trouxeram todos os seus humanos na noite passada? — perguntou o veterano sem dentes.

Confirmo com a cabeça.

— Nós perdemos um — responde o outro, apertando os lábios escuros. — Um humano estava tentando nos espantar e atirou em tudo o que se movia. Inclusive no nosso alvo.

— Fracotes idiotas — resmunga o do sorriso desdentado.

— Precisei punir um soldado por isso. Ele ficou brincando com o humano. Provocando. Perguntei: “O que o Adorado Líder pensaria se soubesse que provocou a morte da presa?”

— O que ele respondeu? — indago.

Ele dá de ombros.

— Acho que ainda tem um pouco das cinzas dele no meu uniforme. Pergunte você mesmo.

O outro líder dá uma gargalhada explosiva, batendo em nossas costas. Fico tenso, cerrando os dentes. É provável que eu também puniria meu esquadrão se tivesse feito algo tão idiota. Mas isso não é motivo de risadas. Estamos aqui para realizar uma missão, para seguir as ordens *dele*. Não para fazer piada. Uma falha prejudica a imagem de todos nós.

Mas não tenho chance de comentar o fato. As portas se abrem, e o capitão entra. De imediato, ficamos a postos. Desta vez, a oficial de reconhecimento vem atrás dele. A cabeça dela é tatuada com padrões semelhantes a teias e toda raspada, exceto por uma longa trança preta que sai da base de seu crânio.

— Dr. Zakos ficou entusiasmado com o resultado do trabalho de ontem à noite — conta o capitão. Suas mãos estão unidas atrás das costas. — Vocês podem não estar cientes, mas o doutor responde diretamente ao Adorado Líder. Vocês cobriram de honra seus nomes e esta nave. Parabéns.

Nós três rosamos e baixamos a cabeça em sinal de agradecimento.

— Hoje temos uma tarefa... mais interessante para vocês — anuncia a oficial de reconhecimento.

Ela toca em um tablet e um vídeo é transmitido em uma das telas que cercam as paredes. Humanos em frente a uma espécie de cachoeira. Falando para a câmera. Apontando para uma pedra azul.

— Este vídeo foi publicado na internet há poucos minutos — continua a oficial. — É uma mensagem para os loriens, mas

veiculada para qualquer pessoa no mundo. É provável que sejamos os primeiros mogadorianos a vê-lo.

— Eles parecem ser mais quatro “Gardes humanos” — explica o capitão. — Enviarei seus esquadrões para pegá-los. Imagino que ainda estejam lá. Sua missão secundária é investigar a pedra azul que aparece no vídeo. Levem um cortador a laser. Tragam uma amostra. Se de alguma forma for loralite, o Adorado Líder sem dúvida ficará satisfeito. Daremos a vocês algum tempo de vantagem antes de compartilharmos a descoberta com outros capitães. Quero que esta seja *nossa* vitória.

— É uma grande oportunidade — comenta a oficial de reconhecimento. — Capturar os humanos e assumir o controle de um possível depósito de loralite trará glória a vocês e à nave.

— Como devem ter deduzido com base no contexto da mensagem, há chance de que os loriens ou seus aliados estejam lá. Vocês deverão ter muita cautela. — A lateral dos lábios do capitão se curva um pouco quando ele acrescenta: — E brutalidade.

A notícia é melhor do que eu poderia esperar. Ainda assim, alguma coisa não se encaixa.

— Senhor — digo, dando um pequeno passo à frente.

Mantenho os olhos fixos no chão.

— Permissão para falar, Vintaro.

— Se é possível que a verdadeira Garde loriens esteja lá, não deveríamos...

Paro de falar, sem saber ao certo como continuar. Não cabe a mim questionar o julgamento ou as ordens de meus superiores.

— Você está se perguntando por que não mandamos metade da frota para detê-los — conclui o capitão.

Não respondo. Não importa. Ele continua falando.

— Nossas ordens são para proteger Chicago. Assim que vocês estiverem a caminho, enviarei uma solicitação de prioridade máxima para que eu possa enviar uma quantidade mais substancial de tropas para o local onde este vídeo foi feito: as Cataratas do Niágara. Mas... — Ele faz uma pausa de alguns segundos. — O alto comando está demorando para responder a solicitações nas últimas

vinte e quatro horas. Como sabem, o Adorado Líder anda muito ocupado no momento.

Viva nosso Adorado Líder! Que seu reinado seja longo!

O capitão cruza os braços.

— Mas se *acontecer* de vocês cruzarem com os loriens durante esta missão e eles tentarem interferir, claro que seria um dever eliminá-los. E, ao fazerem isso, obterão uma glória que os acompanhará pelo resto da vida.

Minha visão fica turva. Mal compreendo o resto do discurso dos oficiais. Tudo o que penso é em enfrentar os Gardes. Em eliminar o líder deles, John Smith. Em ver seu rosto arrogante quando minhas mãos agarrarem seu pescoço.

E, antes que me dê conta, o capitão e a oficial de reconhecimento já se foram.

Em meia hora, montamos e orientamos nossos esquadrões, preparamos os Escumadores e alçamos voo rumo às Cataratas do Niágara.

Designo um de meus homens para pilotar a aeronave enquanto confiro as armas e os suprimentos, repassando o que poderá acontecer. Depois de termos capturado os humanos, devemos adiar nosso retorno? Esperar pelos loriens? Por quanto tempo? E se não formos os primeiros mogadorianos lá? Ao que tudo indica, qualquer um pode ter assistido àquela transmissão. Se esquadrões de outras naves de guerra aparecerem tentando reivindicar nossos alvos ou assumir os créditos pela morte dos Gardes...

Até onde devemos ir para garantir a vitória para nossa nave?

Ou mesmo para meu esquadrão?

— Vintaro — chama um dos meus homens. É o membro mais novo. Eu o encaro. Seu nariz foi machucado e esmagado durante o confronto da noite passada. Hesitante, ele acrescenta: — Senhor.

— Fale — ordeno.

— Deixaremos o Adorado Líder orgulhoso. Traremos honra à nossa nave de guerra, e o capitão saberá que foi Vintaro Üshaba quem nos conduziu à vitória.

Ele bate no peito com o punho e rosna. Retribuo o gesto. Sinto o coração bater com intensidade sob os nós dos dedos. Por toda a

minha vida, foi o que eu sempre quis. O que qualquer mogadoriano quer. Destacar-se e acelerar nosso progresso através dos planetas e das estrelas.

— Quatro alvos — aviso, lembrando a ele e aos outros. — Viram os rostos deles. Encontrem-nos, então rastreiem o possível depósito de loralite. Abram um buraco na cabeça de qualquer um que ouse nos enfrentar.

— Chegaremos em alguns minutos — informa o piloto. — Deveríamos... *Merda!*

— O que foi? — pergunto.

— Um outro Escumador acabou de acionar o turbo.

Vejo nossos aliados dispararem à frente. Tentando ser os primeiros a chegar lá, com certeza. Para capturar os humanos.

— Vá atrás deles! — rosno, sentindo nas entranhas nosso Escumador acelerar.

Abro uma linha de comunicação para falar com a nave de guerra.

— Aqui é Vintaro Üshaba. Ainda não estabelecemos contato visual com os alvos, mas estamos nos aproximando do...

— Olhe! — grita o piloto, exibindo uma imagem na tela.

O outro Escumador está pairando ao lado do rio caudaloso. Soldados saltam. Há figuras humanoides diante deles, mas estamos longe demais para saber o que está acontecendo. Conforme nos aproximamos, porém, fica evidente que os humanos estão revidando. Os membros do outro esquadrão estão atirando neles.

— Malditos! — Dou um soco no espaldar de um dos assentos de nossa aeronave. — Vão matar nossos alvos! Leve-nos...

Um flash de energia vermelha atravessa o para-brisa da aeronave.

— Mas que... — começa o piloto, mas o som da explosão e do casco se rasgando interrompem suas palavras.

CAPÍTULO DEZ

Sou jogado até os fundos da nave pela explosão. Estou cercado por rajadas de vento, fogo e cinzas.

O piloto está morto. Assim como o soldado que estava sentado no lugar do copiloto. É difícil verificar o que aconteceu, com a fumaça espessa e escura tomando conta da cabine, mas é evidente que os dois morreram.

E que estamos caindo.

Eu me lanço para a frente e aperto alguns botões, executando protocolos de emergência. O Escumador cai girando, mas consigo nivelá-lo o bastante para que, quando atingirmos o solo, em uma região cheia de árvores perto das cataratas, pousemos do lado certo.

Só depois que paramos de derrapar e a fumaça começa a se dissipar, posso avaliar os danos.

Ficando de pé, percebo que meu pulso esquerdo está quebrado. Um contratempo, mas posso contorná-lo. Só preciso de uma mão para disparar a arma. Eu poderia matar com qualquer um dos braços, se precisasse.

— Apresentar-se! — grito, porque o som das cataratas quase afoga minha voz.

— Senhor — responde alguém.

Da parte de trás do Escumador, surge o novato, tossindo. Apesar de ter um corte na testa, ele parece bem.

— Só sobrou você?

Ele confirma com a cabeça.

Olho para o painel de controle. Os sistemas de comunicação foram atingidos. Em algum lugar perto de nós, ouço o barulho de disparos.

Aponto para o buraco na cabine, então escalamos e saímos do Escumador.

— Qual o seu nome, soldado? — pergunto ao único membro restante do esquadrão.

— Drak Üshaba.

Isso me pega desprevenido.

— Somos do mesmo tonel — constato.

Ele assente, os olhos vasculhando as árvores enquanto nos situamos. Um bom soldado.

— Mas acredito que nasci algumas gerações depois, senhor — comenta ele.

Nosso Escumador não caiu muito longe das cataratas. Vejo duas pilhas de cinzas ao lado de barras de metal que evitam que pessoas caiam na água. Os dois Escumadores restantes circulam acima de nós, atirando em alvos que a princípio não vejo. Alguns outros soldados, agachados e escondidos atrás de pedras imensas, estão atirando.

— Drak Üshaba — chamo, pegando minha arma com a mão boa. — Temos uma missão a cumprir. Vamos deixar nosso tonel, nossa nave de guerra e nosso Adorado Líder orgulhosos.

Ele rosna em resposta. Corremos para a luta.

Vejo dois alvos: uma moça de cabelos louros se escondendo entre as árvores a cem metros de nós e um rapaz grandalhão de cabelos castanhos fazendo o possível para não escorregar das pedras e cair na água, balançando os braços. Provavelmente usando poderes lóricos.

Drak também os vê.

— Pegue a menina — ordeno, e ele desaparece entre as árvores. — Tiros não letais. Voltaremos em um dos outros Escumadores. Haverá espaço para nós.

Corro até o corrimão próximo ao menino de cabelos castanhos e miro com cuidado. Os humanos estão lutando bem. Muito melhor do que eu esperava. Mas isso logo vai acabar. Ainda podemos capturá-los. Ainda posso sair vitorioso.

Disparo. Minha mira é boa. Atinjo o garoto duas vezes no traseiro. Basta para derrubá-lo sem matá-lo. Ele cai, gritando. Pelo menos é o

que eu deduzo. O barulho da água é alto demais.

Provavelmente é por isso que não percebo outra pessoa se aproximando de mim até ser tarde demais.

— Ei!

Eu me viro. Há um garoto humano parado a dez metros de mim. Os cabelos têm uma cor estranha. Não são naturais. Quase brancos e espetados no topo da cabeça.

Viro a arma para ele. Ele sorri e mexe o dedo repetidas vezes. Alguma coisa passa por cima de sua cabeça. Um raio de energia vermelha e pulsante. O menino fecha a mão em um punho e o abaixa em um giro. Deve estar usando telecinesia. Antes que eu salte para desviar, a coisa vermelha atinge o chão atrás de mim, do outro lado do guarda-corpo. Explode, me fazendo voar pelo ar junto com uma nuvem de fumaça, pedras e destroços.

Atinjo o chão rolando, até que paro ao bater com as costas em alguma coisa dura. Minha cabeça dá uma pancada nessa coisa, turvando minha visão. Sinto uma dor repentina no peito.

— Valeu — grita o garoto por cima do ombro para as árvores.

Tudo o que vejo é um vulto de cabelos escuros, pequeno demais para ser mogadoriano, desaparecendo por entre as árvores.

O menino volta sua atenção para mim.

— Cara, preciso melhorar a mira. Quase acertei o coitado do Bertrand. A bomba de Ran era para atingir *você*. Mesmo assim, aposto que está doendo, não está?

Olho para baixo. Há uma haste de metal espetada na lateral do meu peito. É um pedaço do corrimão que estava ao meu lado. Um dos meus pulmões com certeza foi destruído. Mas devo estar em choque, porque não sinto muita coisa além de um formigamento gelado nos dedos.

Olho ao redor. Onde está Drak? Onde estão os outros soldados?

— Malditos humanos... — cuspo. — Fracotes...

O garoto sorri de um jeito que faz meu sangue ferver.

— Parece que esses "fracotes" estão acabando com todos os seus homens. Você devia ter trazido reforços. — Ele solta um suspiro exagerado. — Era de se imaginar que captariam nossa mensagem, seus cretinos feiosos. Talvez os lorienos não estejam muito longe. —

O rosto dele se ilumina. — Espere, isto é um teste ou coisa parecida? Porque acho que estamos tirando nota máxima, cara.

Minha arma está no chão, entre nós dois. O menino abre a palma da mão, atraindo-a para si. Por cima do ombro dele, vejo um dos Escumadores caindo. Está meio difuso. Como se estivesse coberto por algum tipo de nuvem ou enxame. A nave cai na água.

Tento me levantar. É quando me dou conta de que a haste de metal atravessou meu corpo. O outro lado está enfiado em uma árvore. Contorço o corpo na tentativa de soltá-la. É quando a dor vem.

Grito. O garoto mira meu rosto. Pelo ângulo, acho que vai errar. Mas, se eu ficar ali, ele acabará acertando mais cedo ou mais tarde.

Não vou deixar essa *criança* acabar comigo. Só tenho uma opção. Talvez até sobreviva. Talvez os ferimentos não sejam tão ruins assim.

Com toda a força que tenho no corpo, eu me atiro para a frente. Ouço um som molhado e de revirar o estômago quando o metal sai do corpo. Sinto uma rajada quente passar pela minha orelha, queimando o ar. O garoto errou.

Mas ele não é minha maior preocupação.

— Putz — zomba o menino. — Parece que você já morreu.

Rastejo para a frente de joelhos. Um líquido escuro esguicha do buraco em meu peito, cobrindo meu corpo. Cobrindo as folhas. Olho para minhas mãos. Elas estão ficando cinzentas. Uma bateria de exclamações explode em minha cabeça.

Você fracassou! Mate-os! Está doendo! Não deixe esse humano vencer!

Então, vem a bomba mais alta de todas, e meus dedos começam a se despedaçar. A se desintegrar.

Viva nosso Adorado Líder! Que seu reinado seja...

PARTE III
REXICUS SATURNUS

CAPÍTULO ONZE

Parado no centro da ponte de nossa nave de guerra, bem em frente à grande janela de vidro, tenho uma visão livre da invasão da Terra.

O silêncio é surpreendente, como se os humanos já tivessem aceitado seu destino, escolhendo a obediência em vez da luta. Isso é bom para nós. Significa que, quando sairmos das naves de guerra e tomarmos o planeta, não enfrentaremos muita resistência.

Ainda assim, apesar de saber disso, não consigo me livrar de uma sensação desconfortável no fundo da mente. Algo que quase parece culpa.

Acho que talvez eu esteja com pena dos humanos.

É claro que há resistência em lugares como Nova York e Pequim, onde meu povo está colocando em prática o que o Grande Livro afirma ser nosso propósito na vida. Nessas cidades, tropas terrestres estão em ação, apertando gatilhos, banhando-se no sangue dos que ficam em seu caminho, enquanto os pilotos fazem chover fogo, destruindo qualquer um que se oponha ao Progresso Mogadoriano. Dominação pelo combate. Ninguém pode ter esperança de nos impedir. A Garde — ou os humanos que acabaram ganhando poderes nos últimos dias — não tem qualquer chance diante da vastidão de nossos exércitos. Nem seus aliados. Sejam humanos, loriens ou qualquer outra coisa. Por fim, não restará nada além de pó. Todos serão esquecidos.

Assim como o restante de nós. Exceto por Setrákus Ra, eu acho. Ele reinará sobre nosso povo para sempre, levando em conta o que diz o Grande Livro. Mas foi ele mesmo quem o escreveu, então seria uma questão de confiar em sua palavra. Para a sorte do nosso líder, crescemos lendo o manifesto, então jamais sequer cogitamos questionar se é verdade.

A maioria de nós.

Com todo o discurso sobre guerra e honra, o Grande Livro não aborda quantos momentos de espera pode haver em uma invasão. Em Toronto, onde estou lotado, as coisas estão relativamente tranquilas, exceto por algumas patrulhas fazendo rondas nas ruas. Não estou envolvido na ação. Acho que deveria me considerar sortudo por ter sido designado a um local tão calmo, ainda mais depois de tudo o que passei em Dulce e na Ilha Plum. Recebi uma pequena promoção depois de “capturar” o traidor Adamus. É óbvio que ninguém sabe que na verdade eu o ajudei a fugir, já que ainda estou vivo. Depois que ele fugiu e a instalação da Ilha Plum foi fechada, pude escolher aonde ir depois. Pedi para ser enviado a uma nave de guerra. Alguma coisa na ideia de estar na Terra começou a me deixar desconfortável. Ou talvez confortável *demais*. Gostando demais do lugar.

Precisava clarear as ideias e tentar encontrar um sentido em tudo o que havia acontecido.

Por sorte, como um mogadoriano nascido naturalmente, já recebi muitos treinamentos sobre o funcionamento de uma nave de guerra. Assim, depois de alguns cursos rápidos, acabei como navegador. Demorei algum tempo para me acostumar ao ar reaproveitado da nave, mas, de modo geral, poderia ser pior. Pelo menos a vista é boa. Das janelas da frente da ponte, a paisagem é um imenso lago que parece não terminar nunca, desaparecendo no horizonte. É bonito. Inclusive girei a nave para poder apreciar melhor. Só um pouco, para que nenhum outro mogadoriano nascido naturalmente que esteja passando pela ponte perceba.

É provável que esteja mais caótico na cidade em si, onde as evacuações estão em andamento. Nós permitimos que as pessoas da Terra fugissem porque sabemos que no fim — inevitavelmente — elas se curvarão. Quanto menos vítimas fizermos, mais humanos teremos para usar como trabalhadores depois que os dominarmos. Eles coletarão recursos para nós, construirão santuários em nossa homenagem e palácios para nossos heróis de guerra. Ou morrerão. Esse é o jeito mogadoriano. Bom, é o jeito de nosso *Adorado Líder* e, portanto, o nosso.

Eu me pergunto aonde estão indo aqueles que correm, para onde pensam que podem fugir. Atravessei o país vizinho pedindo carona e saltando em trens. Vivi com os humanos. São uma espécie resiliente, ainda que lhes faltem avanços tecnológicos. Mas estão em profunda desvantagem em termos de armas. Devem ter percebido isso depois da destruição de Nova York, que, até onde sei, é — *era* — uma de suas cidades mais esplêndidas.

Quase quero ajudá-los.

Balanço a cabeça, tentando me livrar desses pensamentos. Encaro a água, deixando meus dedos ligarem os pontos das estrelas refletidas no lago abaixo. Tentando não pensar em nada.

Por fim, ouço um barulho de ar pressurizado atrás de mim, e uma das portas da ponte se abre.

— Quero atualizações de status de todos os departamentos — ruge uma voz, me trazendo de volta à realidade.

Reconheço o capitão Jax-Har na mesma hora e me viro, em posição de sentido. Medalhas decoram os dois lados do paletó de seu uniforme. Uma camada de suor faz as intrincadas tatuagens em seu crânio cintilarem sob a luz. Dois outros nascidos naturalmente seguem atrás dele: nosso oficial de comunicações, Denbar, e Mirra, uma das poucas mogadorianas nascidas naturalmente em nossas forças militares. Seus rostos estão inexpressivos, mas parecem um pouco mais pálidos do que o normal. Fico curioso para saber de onde estão vindo e sobre o que conversavam.

Embora eu seja um oficial nascido naturalmente, ainda não tenho acesso às questões de segurança de nível mais alto. Muitas reuniões ocorrem sem minha presença. O fato de eu ser mantido na ignorância é uma decisão do capitão. Compreendo a hesitação dele em me incluir, uma vez que faz pouco tempo que fui designado para sua tripulação. Ainda assim, não consigo ignorar a sensação de que, quando Jax-Har olha para mim, ele sabe a verdade, de algum jeito, de alguma forma. Que ajudei Adamus. Que matei um de nós. Que traí o Adorado Líder.

Lembro a mim mesmo pela milésima vez que se alguém *realmente* soubesse, eu seria executado sem hesitação. Mas a paranoia continua. Talvez porque eu mesmo tenha dificuldade em

compreender minhas atitudes passadas e por que ajudei Adamus quando poderia muito bem tê-lo deixado preso na Ilha Plum. Por que traí meu povo para ajudar um inimigo (ainda que, às vezes, durante nosso tempo juntos, parecêssemos amigos).

Ou talvez os dias que passei com Adamus tenham despertado alguma coisa em mim. Uma série de perguntas que tento não fazer de forma consciente, um segredo que mantenho trancado na parte mais sombria de minha cabeça, mas que emerge todas as noites quando estou sozinho, meio adormecido, com a guarda baixa.

Por causa de Adamus, tenho dúvidas sobre a causa mogadoriana.

— Oficial Saturnus!

O capitão se aproxima de mim. Faço uma pequena reverência, e então ficamos um de frente para o outro diante da parte central da janela. Sou mais alto e mais forte do que a maioria dos soldados mogadorianos — inclusive muitos nascidos naturalmente —, mas Jax-Har é muito maior do que eu.

— Quanto tempo levaríamos para chegar à base de operações do Adorado Líder? — pergunta ele.

— Um instante, senhor — digo, indo até meu terminal, onde digito em um teclado para analisar diversos números na tela. — Poderíamos chegar à base de West Virginia em aproximadamente duas horas.

Jax-Har assente, mas não responde nada. Apenas fica ali parado, olhando por cima do meu ombro para o nada. Alguns segundos se passam em silêncio.

— Devo... estabelecer uma rota?

Ele faz cara feia para mim, e seus olhos voltam ao foco.

— Eu lhe dei essa ordem? — dispara ele.

— Não, senhor — murmuro.

Ele se vira de costas, voltando-se para Denbar, que está parado diante de um grande terminal de computador do outro lado da ponte, e grita:

— Abra um canal de transmissão para a *Anúbis* e a base em West Virginia.

Denbar obedece. Quando Jax-Har volta a falar, sua voz ressoa, preenchendo o ambiente.

— Aqui é o capitão Jax-Har da nave de guerra *Delta*, posicionada acima da cidade canadense de Toronto. — Ele faz uma pausa, franzindo a testa por alguns segundos antes de prosseguir. — Aguardamos ordens e solicitamos a orientação do Adorado Líder para avançarmos e garantirmos o Progresso Mogadoriano. Por favor, respondam.

Há algo estranho. Ouço o chamado e tento compreender por que o capitão parece tão perturbado — quase *nervoso*. Ele vem agindo assim o dia inteiro, às vezes perguntando sobre o paradeiro de uma suposta nave lórica, outras vezes entrando em contato com a base de West Virginia apenas para “fazer contato”. Então, eu me dou conta do porquê isso parece tão estranho: ele está *pedindo* ordens. Ou ficou entediado e está sucumbindo à sede de sangue, ou...

Aconteceu alguma coisa à frota? Quando foi a última vez que recebemos *alguma* ordem de Setrákus Ra?

O que o Adorado Líder está fazendo?

O capitão faz um sinal para Denbar, que corta a transmissão.

— Alerta-me imediatamente se recebermos uma resposta — ordena Jax-Har. Ele dá alguns passos na direção da cadeira do capitão antes de parar e me olhar por cima do ombro. — E, oficial Saturnus, se eu encontrá-lo longe do terminal durante o turno outra vez, ordenarei que preguem seus pés no chão na frente dele. Não estamos aqui a passeio.

— Senhor — respondo.

— Capitão! — Denbar corre até ele com um tablet na mão. — Recebemos uma mensagem do pessoal na capital americana. Nível um de confidencialidade.

Com alguns passos longos, Jax-Har atravessa a ponte e toma o tablet da mão do subordinado. Seu rosto é tomado de preocupação por um instante.

— Venha comigo — comanda ele, acenando para o oficial.

Mirra, que estava ocupada lendo o diagnóstico da nave, dá um passo à frente.

— Capitão, devo... — começa ela.

— Fique aqui — interrompe Jax-Har. — Certifique-se de que o restante da tripulação esteja em ordem.

Denbar pisca para ela. Jax-Har volta a olhar para mim, então os dois saem pela porta.

O rosto de Mirra demonstra frustração. Há uma crueldade e uma astúcia em seus olhos que só vi nos mais temidos de nossos guerreiros, o que é um pouco apavorante, já que, de todos na nave, talvez ela seja a única pessoa com quem tenho um relacionamento amistoso. Nós dois crescemos em Ashwood Estates. Mas, como ela é muito mais velha do que eu, não tenho muitas lembranças de convivência. Agora ela é imediata na nave de Jax-Har. Ou pelo menos deveria ser. Tenho a sensação de que Denbar está tentando roubar a função dela, o que deve ser o motivo pelo qual os dois sempre estão em pé de guerra.

Começo a andar em sua direção, torcendo para que qualquer irritação que ela esteja sentindo a deixe mais disposta a contar o que fez o capitão ficar tão perturbado. Mas então me lembro da ameaça de Jax-Har e paro, ficando imóvel de um jeito esquisito no meio da ponte, antes de dar alguns passos para trás.

Mirra percebe e avança para cima de mim.

— Algum problema, Saturnus? — indaga ela.

— Sabe, pode me chamar de Rexus. Na verdade, em casa e na base Dulce, a maioria das pessoas me chamava de Rex.

— Eu sei.

Talvez “amistoso” não seja a melhor palavra para descrever meu relacionamento com Mirra. Quem sabe seja mais correto dizer que às vezes tento puxar papo sobre o fato de termos crescido na Terra e até agora ela não enfiou uma espada na minha barriga.

Tento amenizar o clima.

— Viu a lua refletida na água? — pergunto. — Eu me lembrei daquele parque que fica um pouco ao sul de Ashwood. Já foi lá?

— Foi por isso que você estava prestes a desafiar a ordem do capitão e se afastar de sua estação? Para lembrar como um satélite era visto em um lago artificial? Você não é mais uma criança, Saturnus.

Ela sabe do lago.

— Então, você já foi ao parque.

Mirra me dá as costas e começa a se afastar.

— Espere — chamo, um pouco alto demais.

Olho ao redor, mas os outros poucos oficiais nascidos naturalmente estão cuidando de suas responsabilidades. Ou pelo menos fingindo.

Ela me encara de novo, erguendo uma sobrancelha sobre os olhos escuros com irritação.

— Está tudo... bem? — pergunto o mais baixo que consigo. — Tudo normal? Com a nave e o que anda acontecendo? Com a invasão? As coisas parecem... tensas.

— Como assim? — O rosto dela parece feito de pedra. Não exhibe qualquer emoção. — Tudo está acontecendo exatamente como o Adorado Líder esperava que acontecesse. Sua palavra é profecia e verdade.

Este é um dos problemas dos mogadorianos. Ou pelo menos daqueles que não têm dúvidas quanto aos planos de Setrákus Ra.

Isto é, uns noventa e nove vírgula noventa e nove por cento do meu povo.

— Bem, é só que nunca vi um capitão solicitar ordens antes. Esperamos que nos digam o que fazer. É nossa função. E fiquei na ponte a maior parte do tempo nas últimas doze horas. Não recebemos nenhuma transmissão da *Anúbis* ou de West Virginia.

— O alto comando sem dúvida está ocupado com coisas mais importantes neste momento.

— *Quando* foi a última vez que recebemos ordens?

Ela abre a boca, mas não fala nada. Apenas me observa por alguns segundos, examinando meu rosto.

— Seria necessário perguntar a Denbar.

Tento reformular a pergunta.

— O que você faria se fosse o capitão?

— Não perturbaria o Adorado Líder como uma insuportável... — responde ela, então para.

Estreita os olhos.

Sorrio. Eu a peguei.

— Oficial Saturnus — diz ela, alto o bastante para todos na ponte escutarem. — Seu turno deve terminar em breve, se está na ponte há doze horas. Tenho certeza de que está exausto. Antes de sair,

porém, quero que estabeleça todos os prováveis padrões de voo para cada alvo de segundo nível na América do Norte. Confira os números. Duas vezes. Precisamos estar preparados para quando as próximas ordens vierem.

Ela sorri, depois se vira de costas e volta para os controles principais.

Ótimo.

Olho ao redor, mas ninguém faz contato visual comigo. A maioria das pessoas na ponte nasceu em Mogadore ou em naves. Têm uma brutalidade perceptível, uma economia no discurso. Falam apenas o necessário quando alguém lhes dirige a palavra. Não fingem ser amigáveis. E, acima de tudo, obedecem, sem questionar.

Mas eu cresci na Terra. Assim como Mirra. Mesmo que estivéssemos em lares mogadorianos, eram projetados para parecer comunidades humanas. Nós nos infiltramos em locais de entretenimento dos humanos e aprendemos como a espécie funciona para entendê-los melhor — para que fosse mais fácil *conquistá-los*. Algo dessa cultura deve ter passado para nós. Não diria que foi difícil me habituar à vida em uma nave, cercado por um bando de mogs tensos. Mas é diferente. Ainda mais depois de ter passado tanto tempo na Terra. Às vezes sinto falta de coisas simples, como conversar. Ou de ter alguém com quem conversar.

Por baixo da fachada dura, talvez Mirra se sinta da mesma forma.

Uma coisa é certa: é evidente que alguma coisa assustou nosso capitão. Ainda assim, preciso tomar cuidado. Questionamentos podem ser perigosos aqui em cima. Se fizer a pergunta errada, você morre.

Ou é rotulado de traidor.

Começo a buscar as rotas que Mirra mencionou. Ainda há muitas cidades. Um mundo inteiro a ser conquistado. Mas não consigo me livrar da ideia de que, apesar do que diz o Grande Livro — que o progresso só pode ser obtido através de guerra, morte e derramamento de sangue —, pode haver outra maneira. Depois de passar tanto tempo da minha vida entre os humanos, torço para que a Terra não se transforme em outra Lorien. Ou em outra Mogadore, um lugar onde eu nunca estive.

Gostaria que meu povo fosse um pouco mais parecido com os humanos. Uma cultura em que existe a guerra, mas que também respeita a paz e a tranquilidade. Existe derramamento de sangue, mas não é o que toma a maior parte de suas vidas. Há espaço para os inocentes e pacifistas sobreviverem. Nesse sentido, não acharia ruim se fôssemos mais parecidos com os lorienos.

Dou uma última espiada na água tranquila e parada do lado de fora. Tento imaginar o que Adamus está fazendo.

Será que ao menos está vivo?

CAPÍTULO DOZE

Depois de reunir todos os dados que Mirra pediu, caio no sono em meu quarto. No final da manhã, um alarme dispara. Acordo meio zozno, desorientado, tentando entender por que um sinal está jorrando dos alto-falantes no teto, quando alguém me chama pelo interfone avisando que devo me apresentar à sala do conselho. Eu me levanto o mais depressa possível, imaginando o que aconteceu — se finalmente vamos parar de fingir que estamos aqui para fazer qualquer outra coisa além de dominar tudo. Meu sangue pulsa mais rápido, e acabo escancarando os dentes.

Programação mogadoriana: a qualquer sinal de batalha, e os motores ficam a postos.

Mas a sensação tem uma contrapartida. Uma preocupação que eu não consigo definir. Na verdade, até consigo, mas não quero pensar nisso.

Se vamos começar uma guerra, quantas vidas inocentes isso custará? Quantos dos lugares pelos quais passei e quantas pessoas que conheci no meu caminho de Dulce à Ilha Plum serão aniquilados?

Jogo um pouco de água fria no rosto e tento afastar esses questionamentos. Como sou um nascido naturalmente, tenho minha própria suíte, embora não seja nada demais. Posso tocar quase todas as paredes quando fico de pé no meio do cômodo. Mas ainda é melhor do que os alojamentos coletivos onde os mogadorianos nascidos artificialmente vivem. Pelo menos tenho um pouco de privacidade aqui, algum tempo a sós com meus pensamentos. É uma bênção e uma maldição.

Visto o uniforme e disparo pelo corredor, as batidas das botas ecoando no piso de metal. Quando chego à sala do conselho, a

maioria dos outros oficiais já está lá, sentada à grande mesa oval. Eu pego um lugar ao lado de Mirra.

— Bom dia — murmuro.

Ela não ergue o olhar do tablet em seu colo, mas mexe a cabeça e faz *hum*. Não é exatamente um “Bom dia para você também”, mas quase dá para confundir com um cumprimento. Aceito isso.

Toco na mesa e a superfície preta brilhosa se abre, revelando um pequeno terminal de computador. Faço login, acessando nossa posição atual e o diagnóstico da nave. Mal nos movemos dois centímetros desde que fui dormir na noite anterior. Acho que não dá para se tornar a espécie mais temida do universo sem desenvolver uma engenharia excelente.

Por fim, quase uma dúzia de oficiais está à mesa. Quando o capitão Jax-Har entra, todos nos levantamos. Ele faz um gesto com a mão, e todos nos sentamos ao mesmo tempo, uma máquina bem azeitada. O capitão para do outro lado da sala, olhando fixamente para o tampo brilhoso da mesa, talvez para seu próprio reflexo. A área ao redor de seus olhos é sempre escura, mas parece que ele não dormiu nada a noite toda.

Com certeza alguma coisa está acontecendo. Por fim, Jax-Har começa a falar:

— Nesta manhã, bem cedo, um grupo de humanos que acreditamos estar entre aqueles com poderes lóricos recém-desenvolvidos postou um vídeo na internet. Exibia essa escória terrestre chegando a um local conhecido como Cataratas do Niágara, exatamente do outro lado do lago Ontário, sobre o qual estamos posicionados no momento. O vídeo também mostra uma pedra azul que acreditamos ser loralite, um mineral com propriedades impressionantes. É um recurso *muito* valioso para o Adorado Líder. De alguma maneira, é o que os loriens estão usando para transportar seus novos soldados de um lugar para outro no planeta.

Ao lado dele, Denbar concorda com a cabeça. É evidente que ele já sabia disso.

— Patrulheiros digitais da nave de guerra sobre Chicago foram os primeiros a acessar esse vídeo. — conta Jax-Har, fazendo uma pausa longa o bastante para fuzilar com os olhos o oficial encarregado de

nossos esforços de pesquisa e reconhecimento. — Eles enviaram três Escumadores para investigar.

Um burburinho corre pela mesa, com os oficiais reclamando que *nossas* tropas é que deveriam ter sido enviadas para interceptar os alvos. Desde os primeiros relatos dos chamados “Gardes humanos”, o Adorado Líder deixou claro que capturar essas anomalias é uma prioridade.

Tenho certeza de ter ouvido Mirra rangendo os dentes ao meu lado. Aposto que ela teria adorado capturar aqueles alvos.

O capitão continua:

— Os Escumadores fizeram contato logo antes de chegar às cataratas, mas não se soube mais deles desde então. Como o capitão da nave que está sobre Chicago insistiu em reclamar para si a descoberta, só ficamos sabendo da operação uma hora atrás. Enviei nossas próprias tropas para investigar. Foram encontrados destroços de naves, mas nenhum sobrevivente, mogadoriano *ou* humano. Havia evidências de que os soldados enviados de Chicago foram mortos.

Pelo que sei, esses humanos com poderes quase não receberam treinamento e são menos uma ameaça do que uma chateação a ser estudada. Vários espécimes foram recolhidos em todo o planeta com pouca ou nenhuma resistência. Parece que estão tão confusos pelo que aconteceu com eles quanto nós.

Então, quem abateu os Escumadores? A verdadeira Garde? Os aliados? Forças de resistência humanas?

— Aconteceram outros... *contratempos* — declara Jax-Har, começando a caminhar ao redor da mesa, batendo as botas pesadas no chão. — O que vou dizer é informação confidencial e não deve sair desta sala. Como vocês são mogadorianos nascidos naturalmente honrados, confio em seu silêncio. Saibam que quebrar esta confiança será um ato de traição, e se eu sequer suspeitar que deixaram escapar uma palavra sobre isso a mais alguém, ou mesmo entre vocês, enfiarei uma espada em seus corações. Entendido?

Ele olha ao redor da mesa. Todos concordamos com a cabeça. Mesmo sem o alerta, duvido que alguém mencionaria qualquer informação dita numa dessas reuniões a outra pessoa.

O capitão suspira.

— Sei que alguns ouviram, por conversas no rádio, que nossas tropas no México pediram reforços para rastrear uma nave lórica. Viram a escória lorieta manchar a aparição de nosso Adorado Líder em Nova York. Pagaram caro por isso. E recentemente fomos informados de que um de nossos enclaves, nos arredores de Washington D.C., foi tirado de nós.

Mirra fica tensa, inspirando forte. Preciso admitir que também fiquei sem fôlego por um instante. Deve ser uma referência a Ashwood. Meu pai foi o único parente que conheci, e ele morreu anos atrás, antes do primeiro ataque ao local. Mas Mirra... Não sei se ela ainda tem algum familiar lá. Considerando sua reação, imagino que não fazia ideia de que isso havia acontecido.

— Nosso Adorado Líder sem dúvida está dedicando todas as suas energias para garantir o Progresso Mogadoriano. Dessa forma, esperamos na nave por suas diretrizes. Entretanto, é possível que haja do outro lado do lago uma pedra loralite, algo de incalculável valor estratégico para nossos inimigos.

Ele para na ponta da mesa, do outro lado de onde começou, ficando em posição de sentido.

— Assim, como capitão desta nave de guerra, tomei a decisão de deixar nosso posto. Tomaremos esse recurso inimigo e eliminaremos qualquer infeliz que ouse se aproximar dele. Se os loriens estão mesmo usando a pedra como meio de transporte, nossos canhões farão evaporar qualquer um que apareça. Não tenho dúvidas de que, quando o Adorado Líder souber de nossa iniciativa e audácia, recompensará a rapidez de nosso raciocínio.

O capitão fica em silêncio, seu olhar vagando pelos subordinados. Não pergunta se concordamos. Mesmo se fosse o caso, não há espaço na nave para qualquer espécie de votação. Não é o que os humanos chamariam de democracia. Nós juramos obediência ao mogadoriano de mais alta patente e seguimos suas ordens sem questionar.

Ainda assim, sei o que todos os demais devem estar pensando. Jax-Har está indo contra o desejo de nosso Adorado Líder? O que

isso significa? Se o Adorado Líder não concordar com essa ação, todos nós seremos traidores?

E se ele está tomando a decisão sozinho, o que os outros capitães em todo o planeta estão fazendo? E onde Setrákus Ra se meteu?

Levo alguns instantes para repassar todas essas questões — para compreender a verdadeira amplitude do que Jax-Har está sugerindo.

— Oficial Saturnus — chama ele, apontando para mim.

Volto a prestar atenção em um instante.

— Senhor.

— Estabeleça uma rota para as Cataratas do Niágara. Enviei uma mensagem com minhas intenções à base de comando em West Virginia. Se não tiver uma resposta em uma hora, considerarei o silêncio como aprovação. — Ele se vira para Denbar. — Prepare a conexão para um canal aberto. Os outros capitães vão se perguntar o que estamos fazendo, e não quero dar motivos para acreditarem que fomos sequestrados ou coisa parecida.

— Esmagaremos os Iorienos e qualquer um que os ajudar — anuncia Denbar, dando um soco na mesa.

Os outros ao meu redor repetem seu gesto até a sala ser tomada pelo barulho de trovão.

— A força é sagrada — declara Jax-Har, citando o Grande Livro. — Agora, ao trabalho.

CAPÍTULO TREZE

O caminho para as Cataratas do Niágara é uma linha reta. Não há obstáculos, nenhuma base militar para desviar ou outras naves de guerra no caminho. Basta seguir adiante. Até uma criança seria capaz de definir o trajeto. Assim, quando concluo a programação da rota, fico perto do terminal, fingindo parecer ocupado. O capitão não está na ponte. Eu me pergunto como os outros líderes mogadorianos reagiram ao fato de estarmos deixando nosso posto.

Jax-Har está agindo por conta própria, contra uma ordem direta do Adorado Líder. Pela primeira vez desde que fui convocado para o exército mogadoriano, sinto que os outros podem estar questionando a hierarquia, ainda que de maneira discreta. É ao mesmo tempo emocionante e assustador. E, é claro, a ponte está em silêncio. O que será que os outros oficiais estão pensando?

Tantas questões frustrantes tomam conta da minha mente que não percebo a presença de Mirra até que ela esteja de pé ao meu lado.

— Siga-me — ordena, e começa a se afastar antes que eu tenha a chance de perguntar do que se trata.

Mas vou atrás. Preciso ir. Não apenas porque ela é uma oficial superior, mas porque talvez eu consiga algumas respostas se conversar com ela.

Conforme nos aproximamos da porta da ponte, Denbar entra. Ele parece surpreso ao nos ver.

— Aonde vocês estão indo? — pergunta ele.

Mirra o ignora, seguindo em frente. Denbar continua falando.

— O capitão deu uma ordem específica para que o oficial Saturnus defina o trajeto...

— Sua tarefa foi concluída, correto? — pergunta-me Mirra, virando-se e deixando Denbar entre nós dois.

Confirmo com a cabeça.

— Correto.

Ela inclina a cabeça para trás e olha para Denbar com o nariz em pé.

— Detectamos uma anomalia em nossos sistemas de geomapeamento há pouco. Não deve ser nada, mas pedi ao oficial Saturnus para conferir o hardware para garantir que tudo esteja funcionando antes de nossa missão. Se tiver algo contra isso, sugiro que leve a questão ao capitão. Ou posso deixar Saturnus aqui e se alguma coisa der errado mais tarde, você mesmo pode explicar ao capitão por que nossos sistemas falharam.

Nem sei se isso é verdade ou não. Tento lembrar tudo o que sei sobre geomapeamento, só para garantir.

Denbar parece surpreso por alguns segundos, mas a expressão logo se transforma. Ele estreita os olhos e exhibe de relance os dentes pelos lábios entreabertos. Então olha para um monitor.

— Partiremos em breve.

— Estou ciente disso — responde ela, dando meia-volta e saindo.

O olhar furioso de Denbar recai sobre mim. Encolho os ombros, e ele se afasta bufando.

Encontro Mirra no corredor.

— Esse kraul narcisista — resmunga ela, baixinho, enquanto continua a caminhar, sem olhar para mim. — Não consegue lidar com o fato de que o alto comando *me* indicou como superior a ele.

Mirra caminha tão rápido que preciso dobrar meu ritmo normal para acompanhá-la. Em determinado momento ela se vira de repente para a direita e segue para um elevador que leva até as entranhas da nave, onde estão abrigados muitos de nossos sistemas vitais. Como oficial de alta patente na nave de guerra, ela é uma das poucas pessoas que têm acesso a esse local.

Assim que as portas se fecham, Mirra se volta para mim.

— Suas perguntas de ontem. De onde elas vieram?

— Como assim? — pergunto.

Ela aperta um pouco os lábios.

— Você não parece confiar na forma como as coisas estão sendo encaminhadas no momento. Estava se perguntando por que o capitão estava solicitando ordens. Questionando seu julgamento, talvez.

É uma acusação e tanto, mas ela não parece irritada, o que me faz pensar que pode ser uma tentativa de fazer piada.

— Só pareceu estranho.

— Concordo — diz Mirra. Ela hesita um pouco, abrindo a boca algumas vezes, mas sem falar, antes de continuar: — Vou fazer uma confidência, Rexus. Porque acho que coisas grandes estão prestes a acontecer e, se for verdade, vou precisar de alguém como você para...

Ela procura pelas palavras certas.

— Ser seu amigo — sugiro.

Ela me chamou de Rexus.

— Para direcionar a nave — esclarece ela.

Aos poucos chegaremos a "Rex".

O elevador para e a porta se abre para um corredor impecável e vazio que leva ao núcleo dos sistemas. Mas Mirra não sai. Ela se apoia na entrada, impedindo a porta de fechar. Há algo diferente em seus olhos. Empolgação, confusão e um vestígio de medo.

— As coisas não andam bem ultimamente. Você ouviu o que o capitão disse.

— Ashwood.

Ela solta um pequeno suspiro, assentindo.

— Minha família continuou por lá depois do primeiro ataque do traidor Adamus. Não sei ao certo por quanto tempo ficaram. Não sei ao certo...

Ela para de falar, e fico pensando em como é estranho ouvir o nome de Adamus saindo de sua boca. Às vezes esqueço que os outros não o conhecem como eu. Ou como o conheci. Apesar de não saber ao certo o que eu *devo* pensar sobre ele. É um lembrete de que, embora Mirra esteja se abrindo para mim pela primeira vez, não é a mesma coisa que Adamus e eu conversando enquanto íamos de um trem para outro. São só negócios. Na verdade, é provável que

ela e Adamus tentassem matar um ao outro se estivessem no mesmo ambiente.

— Houve mais derrotas e reveses — continua ela, ignorando quaisquer pensamentos sobre sua família. — E boatos. Dizem que o próprio Adorado Líder estava no ataque no México. Aquele em que foi preciso pedir reforços.

Fico boquiaberto. Se o Adorado Líder estava em batalha, os loriens ou humanos ou *qualquer um* que o tenha enfrentado não deveria ter sido páreo. Pelo menos, não de acordo com o Grande Livro. Ele é a personificação da invencibilidade. Toda vez que é retirado de uma luta ou parece ter sido vencido — como na ONU —, é apenas fingimento, uma simulação para atrair nossos inimigos.

Ou é o que deveria acontecer. Foi o que nos disseram.

A centelha de dúvida no fundo da minha mente volta a se acender.

— E o que isso quer dizer? — pergunto, escolhendo as palavras com cuidado.

Não sei ao certo aonde ela quer chegar.

— Quer dizer que, depois daquele ataque, não recebemos nenhuma ordem direta do Adorado Líder. Todo mundo precisa manter a posição, mas nossos inimigos estão se mexendo. Esses Gardes humanos estão aparecendo por toda parte. Suas forças estão crescendo.

— Então, você está de acordo com o plano do capitão?

— Oficial... — começa ela, mas balança a cabeça — *Rexicus*. Ontem à noite tivemos uma reunião com vários outros capitães de naves de guerra. Todos estão nervosos, irritados ou as duas coisas. Ninguém disse nada abertamente, mas... estão começando a imaginar o impensável. O capitão de Moscou chegou a perguntar quem seria o sucessor caso o Adorado Líder precisasse ser substituído “temporariamente”. Está uma loucura. E Denbar fica o tempo todo cochichando no ouvido de Jax-Har, contando todo tipo de mentira.

Minha cabeça está girando, tentando encontrar um sentido. Tentando entender por que ela está me dizendo tudo isso. Será que ela também está questionando o modelo mogadoriano?

E, se está, foi por isso que me procurou? Porque descobriu que eu também tenho minhas dúvidas? Se as coisas estão prestes a mudar, talvez *nós* pudéssemos ser essa mudança.

— Você... — começo. Certifico-me de que o corredor está vazio antes de baixar minha voz até o sussurro mais baixo possível. — Acha que o Adorado Líder pode estar morto ou coisa parecida?

A palma da mão dela encontra meu rosto tão rápido que levo alguns segundos para me dar conta de que levei um tapa. Então, a dor ardida começa a subir por minha bochecha.

— Que m...

— Não fale uma blasfêmia dessas! — braveja ela, os olhos arregalados e nervosos. — O Adorado Líder é imortal. Você sabe. Ele levará o Progresso Mogadoriano adiante muito depois de nossas mortes. Pensei que você fosse crédulo, Rexus Saturnus, não um herege. Não um *traidor*.

Levanto as mãos na frente do peito. Posso não ter certeza do que está acontecendo, mas sei que a última coisa que quero é que Mirra fique irritada comigo.

— Não, não — falo, tentando evitar que minhas mãos tremam. — Só estava me certificando de que *você* não era uma traidora.

— Você não entende? — pergunta Mirra. — O Grande Livro nos diz que devemos seguir os planos do Adorado Líder sem questionar nem falhar. Se a última ordem dele foi que ficássemos acima de Toronto, deslocar esta nave para qualquer outro local é um ato de traição.

De repente, tudo se encaixa. Mirra não está me contando tudo isso porque desconfia que o Adorado Líder possa não ser tudo o que alega. Está me contando isso porque acredita mesmo que, ao nos afastar de Toronto, nosso capitão está traindo todo o exército.

— Devemos permanecer sobre a cidade, prontos para atacá-la a qualquer momento — afirma ela. — Prontos para incendiá-la pela glória do Progresso Mogadoriano. Você não percebe, Rexus? É um teste! O Adorado Líder está tentando encontrar aqueles que são dignos de sua estima. Como eu. Como você também, se me seguir. Jax-Har perdeu a visão do caminho. Ele deve ser detido. Não podemos permitir que nos condene. Mostraremos ao Adorado Líder

que somos seus guerreiros mais fortes, discípulos que o seguem sem hesitação, e então ele nos recompensará deixando que nos banhemos no sangue dos humanos e dos loriens.

Ela respira fundo.

— Você está comigo? — pergunta.

Não sei o que dizer. Apesar de todas as dúvidas que tenho quanto ao Progresso Mogadoriano e à maneira como invadimos a Terra, atravessando todo um sistema solar para caçar alguns loriens, nunca esperei estar em uma posição como esta. Por um lado, entendo Jax. Talvez o Adorado Líder esteja morto ou ferido. Ou foi capturado. Talvez não esteja em condições para dar ordens. E, se for o caso, o que isso significa para a frota mogadoriana?

Por outro lado, há Mirra. Sua visão de futuro é mesmo melhor do que a de Jax-Har? Ou de qualquer comandante de nosso exército?

Quero uma terceira opção. Ou quero saber o que fazer. Voltar ao tempo antes de conhecer Adamus, quando eu era como Mirra, tão inquestionavelmente devoto ao Adorado Líder que era cego a todo o resto.

Mas não posso falar nada disso. Não sei se Mirra me deixaria ir embora se eu dissesse “não”.

Então, concordo com a cabeça.

— O que propõe que façamos? — pergunto. — Você está falando em liderar um motim contra o capitão Jax-Har.

— Não teremos tempo de agir antes de ir para as Cataratas do Niágara — responde ela. — Mas devemos ser rápidos. Há outros oficiais ao meu lado. Crentes verdadeiros. Não estamos sozinhos.

— Quem? — pergunto.

É difícil compreender a ideia de que uma rebelião estava se formando debaixo de meu nariz. É ainda mais confusa a própria ideia de que outras pessoas na nave — nada menos do que oficiais — estão sequer cogitando a ideia de um golpe.

O que está havendo com meu povo?

— Vou tomar uma atitude durante a reunião dos oficiais desta noite — continua ela. — É provável que você não precise fazer nada, mas, se as coisas derem errado, esteja pronto para me dar suporte e

eliminar quem quer que se oponha a nós. Quando tudo estiver encerrado, traga-nos de volta para Toronto o mais depressa possível.

Ela se inclina para a frente na minha direção.

— Estamos fazendo a coisa certa. Estamos fazendo isso pelo Adorado Líder. — Mirra chega a sorrir. — Ele vai ter muito orgulho de nós. Ganharemos estados inteiros para explorar.

Ela volta para o elevador e finalmente deixa a porta fechar.

— Tudo sairá de acordo com os planos dele, Rexus. Você verá. Lembre-se: a força é sagrada.

É a segunda vez que escuto essa citação hoje, embora não saiba se está sendo usada para caçoar de Jax-Har ou para mostrar uma fé sincera no Grande Livro. Deve ser uma mistura das duas coisas.

As palavras se repetem em minha cabeça. Não na voz dela, mas na de Adamus. Parece que faz muito tempo desde que ele me disse a mesma coisa. Foi quando eu estava machucado e destruído, mal conseguindo ficar de pé, enquanto nos afastávamos de Dulce, na direção do deserto. Na época, esse sentimento me motivou a seguir em frente, me lembrando que o Adorado Líder esperava meu melhor, que era meu dever lutar e ficar mais forte por meu povo.

Agora, vendo a expressão maníaca de Mirra, eu me pergunto se as palavras poderiam ter outro significado.

CAPÍTULO QUATORZE

Voltamos para a ponte em silêncio, mas minha cabeça está fervilhando.

— Tudo conferido? — pergunta Denbar quando entramos, embora seu tom de voz me diga que não faz a menor diferença.

— Tudo — responde Mirra, lançando um último olhar para mim antes de seguir para sua estação, ao lado da cadeira do capitão.

O sol está alto no céu quando Jax-Har chega à ponte pisando forte. Ele está com a pele pálida, e a parte branca ao redor dos olhos pretos está avermelhada. Conhecendo a perspectiva de Mirra sobre o que está acontecendo, é fácil entender por que ela o vê como um louco, um blasfemo. Ele parece alguém à beira de um ataque de nervos, ainda mais do que uma hora atrás, durante a reunião. Tem total consciência do que está prestes a fazer.

— O curso está definido? — indaga ele.

— Sim, senhor — respondo.

— Nenhuma notícia de West Virginia? — pergunta a Denbar.

— Negativo, senhor.

Jax-Har permanece em silêncio por alguns instantes. Então, volta os olhos cansados para mim e ordena:

— Leve-nos para as Cataratas do Niágara.

Confirmo com a cabeça e toco no terminal à frente. A nave de guerra começa a se mover, pegando velocidade a um ritmo normal. Não há necessidade de pressa ou exibicionismo. Já estamos perto.

— Tempo de chegada previsto para quinze minutos, senhor — informo.

Mirra me encara. Ela abaixa a cabeça um pouco quando percebo seu olhar, então caminha até um de nossos oficiais de ciências e desaparece no corredor com ele, conversando sobre depósitos de

loralite. Volto a atenção para o terminal e finjo me ocupar com alguns números e dados que já sei de cor.

No geral, o ambiente na ponte é silencioso, mas hoje essa característica parece artificial, pesada. Acho que todos sabemos o que isso significa, que estamos *desobedecendo*, mesmo que provavelmente estejamos fazendo o melhor para os mogadorianos — ou pelo menos o que faz sentido.

É estranho que algo que parece tão simples como se afastar uma curta distância da base possa ser visto como um ato de traição ou falta de fé. Mirra não é uma exceção por sua devoção fanática ao Adorado Líder. Essa é nossa mentalidade; desde o nascimento, é assim que somos criados para pensar. Só o ato de considerar a ideia de que o Adorado Líder possa falhar já é fundamentalmente antimogadoriano. Esse tipo de conflito não existe para nós — *não pode existir*, segundo o funcionamento de nossa sociedade.

No entanto, aqui estamos nós, sobrevoando o Lago Ontario.

Olho de novo para o capitão, que está fazendo o possível para parecer calmo, embora seus dedos estejam batucando nas laterais da cadeira. Não faz ideia dos planos de Mirra. *Eu* mesmo não sei direito. Mal consigo entender. Mas sinto algo cinético no ar. Uma mudança.

O que isso quer dizer para mim? Vou mesmo ajudar Mirra a destituir o capitão? Ou vou ficar sentado, assistindo ao desenrolar das coisas? Quem mais está do lado dela? As tropas a obedecerão? É provável, se ela as convencer de que Jax-Har é um traidor.

Eu poderia contar tudo ao capitão e impedir a pequena insurreição. Não sei se Mirra seria melhor do que Jax-Har. Talvez pior, em longo prazo. Ela quer se banhar no sangue dos inimigos, que são bilhões de humanos em um planeta do qual aprendi a gostar do jeito que é.

De que lado eu fico?

De que lado *Adamus* ficaria?

Não sei de onde vem essa pergunta, mas sei a resposta sem sombra de dúvida. Ele sairia desta maldita nave de guerra e encontraria os lorienos. Ajudaria a interromper o que quer que os mogadorianos tivessem preparado, sabendo que quaisquer que

fossem nossos planos, o fim seria o mesmo: sangue correndo como rios por todo o planeta. O planeta em que crescemos. O único que conhecemos como lar.

Meu terminal emite um som.

— Estamos chegando ao destino — anuncio.

Atravessamos uma camada de nuvens, e então, de repente, lá está.

Não sei o que eu esperava — fogo, morte, luta —, mas tudo o que vejo são cataratas, um rio descendo o precipício, batendo lá embaixo e voltando a correr. Rompendo, continuando, sendo interrompido apenas por um instante.

Conforme nos aproximamos, também vejo os dois Escumadores que foram abatidos, mas as cataratas são tão espetaculares que é necessário procurar deliberadamente pelos destroços para encontrá-los.

Mirra volta para a ponte, acompanhada pelo oficial de ciência. Ele parece... imperturbado. Vejo Denbar fuzilando Mirra com o olhar. Só quando o capitão vai ao seu encontro ele para de encará-la.

— Mandem as frotas que reuni até lá para inspecionar a pedra — ordena Jax-Har. — Tentem conseguir uma amostra. E lancem as primeiras unidades de patrulha aérea. Fiquem de olho em qualquer sinal de movimento. Se os lorienos aparecerem, não seremos pegos de surpresa. Que eles nem sequer tenham tempo de perceber que estamos aqui. Atirem à vontade.

— Sim, senhor! — responde alguém.

— Oficial Saturnus, quero que mapeie os movimentos das frotas mogadorianas na América do Norte. Não apenas naves de guerra, mas Escumadores, aeronaves de patrulha... tudo e qualquer coisa. Houve... *objeções* quando anunciei nossos planos mais cedo.

Claro que houve. Não sei se ele receia que outras naves tenham vindo atrás de nós ou se só quer saber se seguirão nosso exemplo. Talvez ambos.

— O Adorado Líder ficará emocionado — afirma Mirra, com indiferença.

Jax-Har olha para ela com ar inexpressivo no rosto e responde:

— Sim. Que seu reinado seja longo!



O resto do dia se passa como um borrão. Nossas patrulhas não detectam nada de incomum. Não sei se a divisão de ciência foi capaz de coletar uma amostra da pedra. Jax-Har basicamente fica em silêncio em sua cadeira de capitão. Mirra volta e meia encontra desculpas para sair da ponte. Imagino o que está fazendo.

Rastrear os movimentos da frota me mantém ocupado, então me concentro no trabalho, tentando não pensar no futuro. Tudo muda quando faço o intervalo para jantar, levando minha refeição até o quarto. Nem sequer toco a comida. Só fico sentado no colchão fino e tento entender tudo o que está acontecendo. Alguma coisa vai ocorrer na reunião dos oficiais esta noite. Quando terminar, ou Jax-Har ou Mirra vai liderar a nave.

Mirra disse que não preciso fazer nada. Que ela vai cuidar de tudo. Talvez eu devesse deixá-los matar um ao outro e esperar a poeira baixar antes de escolher um lado. Independentemente de quem estiver no comando, meu papel não vai mudar. Ainda ficarei parado diante do meu terminal, centenas de metros acima das cidades, assistindo à destruição da Terra. Com certeza esse será o destino final com ambos. Dominação completa. Em longo prazo, não importa quem está no controle. Estou em uma nave de guerra. Nós fomos *feitos* para destruir.

Meus pensamentos voltam para a questão do que Adamus faria. Abandonar nosso povo. Não seria muito difícil, para um oficial nascido naturalmente, pegar um Escumador, desativar os sistemas de rastreamento e seguir para o céu aberto. Talvez eu pudesse tentar encontrar Adamus e ver o que ele anda fazendo. Porém, se nem a frota mogadoriana inteira o encontrou, não sei se eu teria essa sorte.

Eu poderia voar para algum lugar longe das naves de guerra, mantendo um capuz na cabeça para cobrir o rosto o suficiente para que pensem que sou só um humano pálido e tatuado. Poderia me virar sozinho de alguma maneira. Em algum lugar.

Mas mesmo se eu sumir, e daí? Este mundo foi cercado. Nós nos preparamos para uma invasão total. Nossa paz com os humanos é uma farsa. No fim das contas, mogadorianos estarão por toda a parte. Eu só teria um ano ou dois antes que meus ex-companheiros me encontrassem e me torturassem como traidor. Passaria a vida olhando por cima do ombro, imaginando se me encontrariam.

Uma lembrança me vem à mente. A última vez em que vi Adamus. Nós já havíamos libertado os Chimæra, e só precisávamos sair de lá antes que alguém o encontrasse. Eu estava ajudando. Matei vários mogadorianos nascidos artificialmente para garantir a segurança dele. Na época, disse a mim mesmo que era porque tinha uma dívida com Adamus depois que ele me tirou das ruínas em Dulce e salvou minha vida. Que era o único motivo pelo qual o ajudei.

Mas não era verdade. Acho que já sabia disso mesmo naquela época. Minha dívida estava paga. Eu o segurei em um trem em movimento quando ele quase caiu e impedi que fosse capturado quando os mogs vieram atrás de nós nos arredores de Manhattan. O próprio ato de libertá-lo na Ilha Plum e não o deixar apodrecer em uma cela, por si só, foi uma retribuição por ter recebido água no deserto. Não, eu o ajudei por outro motivo.

Eu gostava de Adamus. *Adam*. Queria que ele sobrevivesse.

Esse sentimento vai contra tudo o que sei e não faz mais sentido para mim, na nave de guerra. Mas, quando penso no que aconteceu na Ilha Plum, sei que cometi um erro imenso. Adamus me ofereceu a chance de ir com ele, e eu recusei. Falei que a guerra estava em meu sangue e que meu lugar era com os mogadorianos, que meu propósito era dominar e destruir. Falei que na próxima vez que eu o visse, seríamos inimigos.

Só que, no fundo, não tinha certeza de nada disso. E agora me dou conta de que devia ter me juntado a ele.

Deito de costas no colchão e encaro o teto. Amanhã, não importa o que aconteça, ainda serei mogadoriano. Adamus pode ter encontrado uma saída, um novo lugar no mundo, mas minha decisão foi tomada naquela noite. Além disso, sou só um. Um mog.

Não é como se eu fosse fazer qualquer diferença. Não com tantas outras naves de guerra pairando sobre o planeta.

Eu me pergunto quantos outros Jax-Har existem no céu neste instante. Quantas Mirra.

E talvez, mais importante que isso, quantos mogadorianos como eu. Também estão por aí, em seus quartos e alojamentos, se sentindo perdidos?

CAPÍTULO QUINZE

Mirra é a única pessoa presente na sala do conselho quando chego para a reunião da noite. Ela está debruçada sobre um tablet, analisando dados, como costuma fazer. Como se fosse uma noite perfeitamente normal.

Sento ao lado dela por hábito, percebendo tarde demais que foi sem dúvida uma péssima ideia.

— Boa noite — murmuro.

— Olá!

Ela me espia pelo canto do olho, depois me examina direito.

— Você parece incomodado — observa ela.

Em seu rosto vejo a indiferença e a severidade de uma pedra, mas estou acostumado com isso. Os olhos se estreitaram um pouco, como se ela pudesse ver todos os meus pensamentos.

— Só tentando deduzir o que o Adorado Líder deve achar de nossa mudança de posição — respondo, e tecnicamente não é uma mentira.

Ela parece satisfeita.

— Não se preocupe. Está tudo em ordem. Apenas fique sentado e testemunhe. — Ela toca em sua arma e diz: — Pelo Adorado Líder.

A porta atrás de nós se abre, e outros começam a entrar na sala.

Sou tomado pelo pavor, que forma uma bola em meu estômago. Olho para a dezena de oficiais à mesa, tentando descobrir quem são os outros aliados que Mirra mencionou. E quem vai se colocar contra ela. Talvez seja porque nunca conversei com muitos deles nem os conheço direito, mas não vejo nenhum daqueles mogadorianos nascidos naturalmente como revoltosos.

Espero, pelo bem de Mirra, estar errado. E, pelo bem de Jax-Har, espero não estar.

Acabo pedindo forças e orientação ao Adorado Líder, mas só me dou conta disso quando começo a murmurar baixinho versículos do Grande Livro.

Meus dedos roçam minha arma. Sinto o suor começar a escorrer pelo meu corpo, por isso fecho os olhos e tento me acalmar. Penso na água tranquila do Lago Ontario e nas cataratas correndo abaixo de nós. Tento deixar essas imagens abafarem todos os alarmes disparando em minha mente.

Jax-Har entra com Denbar. Pego apenas a última parte da conversa, mas ouço o suficiente para saber que vários outros capitães estão furiosos com nossa atitude. Isso deve ser um fardo para ele. Vejo isso em sua postura curvada, em seus traços inchados e escurecidos. Quase me sinto mal pelo sujeito.

— Vamos começar — anuncia ele, a voz rouca, como se tivesse passado a manhã gritando. — Oficial Saturnus, atualize-me sobre as localizações da frota.

— Não houve movimento entre as naves de guerra, senhor. Os padrões de Escumadores parecem estar normais — respondo.

— Nenhum seguindo em nossa direção?

— Negativo, senhor.

— O que os outros capitães disseram sobre sua decisão de abandonar o posto? — sibila Mirra.

— A maioria respeita minha ousadia e concorda quanto ao valor estratégico da pedra de loralite.

Ele não parece nem um pouco preocupado com o tom dela.

Antes que eu sequer me dê conta do quanto é estranho ele não ter dado uma resposta dura, colocando-a em seu lugar, Mirra continua:

— E os outros? Os que não concordam?

— Diria que eles não deveriam estar no comando de uma nave. — Ele a encara com firmeza e continua: — Diria que eles têm tanto medo de desobedecer ao Adorado Líder que não veem uma oportunidade quando se apresenta. Que esqueceram que os ensinamentos do Grande Livro pregam a honra não apenas pela lealdade, mas também pela ousadia e pelo uso de todos os recursos

possíveis. — Seu lábio superior recua em meio a um breve rosnado.
— Diria que eles são uma desgraça para o povo mogadoriano.

Mirra não responde, mas sinto o calor que emana dela.

— Se tem algo a dizer, minha pequena oficial executiva perdida, este é o momento — conclui Jax-Har, com um pequeno sorriso.

— Maldito! — grita Mirra ao se levantar e sacar a arma.

Outro oficial a algumas cadeiras dela também se levanta.

É quando se ouve o primeiro disparo.

O tiro atinge o alvo com precisão perfeita, abrindo um buraco que atravessa o bíceps direito de Mirra. A arma dela cai sobre a mesa. Em seguida, vem um segundo tiro, que desarma o outro oficial de pé.

Mirra arregala os olhos, incrédula, encarando o oficial do outro lado da mesa, o que disparou.

— Não, Balda, você... — começa ela.

— Sirvo ao Adorado Líder — interrompe o oficial. — E quem quer que *e/le* considere adequado para o comando.

Mirra avalia a situação. Quase todas as armas estão apontadas em sua direção. Apenas alguns parecem confusos. O outro oficial que a apoiou olha para a porta.

É evidente pela expressão no rosto dela que vários dos que estão apontando armas são os que considerava como aliados. Em seu empenho para provar a própria lealdade, subestimou a de seus pares.

Mirra se vira para mim. O choque em sua expressão vira preocupação. Ela não diz nada, mas não precisa. Sei que está me condenando, condenando a *todos nós*.

Não consigo continuar assistindo à cena, então viro o rosto.

— Ele é um traidor — grita ela, apontando para o capitão. — Ele afastará vocês do Progresso Mogadoriano. Parem de segui-lo cegamente!

Jax-Har, pela primeira vez em dias, dá uma risada.

— Viva nosso Adorado Líder — anuncia Denbar.

— Que seu reinado seja longo! — acrescenta Jax-Har.

Então, todos disparam.

O corpo de Mirra cai para trás, derrubando a cadeira. O aliado dela também desaba. Mantenho os olhos na mesa à minha frente, sem querer ver os corpos, desejando que os mogadorianos nascidos naturalmente se desintegrassem como os nascidos artificialmente, ou que eu estivesse em qualquer outro lugar da galáxia.

Fui estúpido por não ter ido embora com Adamus.

O silêncio toma conta da sala. Levo alguns segundos para perceber que todos estão olhando para mim.

Denbar está com a arma apontada para meu rosto.

— Opa — digo. — Eu não... Quer dizer...

Não consigo construir uma frase. Levanto as mãos na altura do peito — algo atípico para um mogadoriano, uma oferta de rendição.

— Sabemos que ela tentou recrutar você — diz Jax-Har, em tom calmo, como se a segunda pessoa em comando não tivesse acabado de tentar dar um golpe. — Os outros me procuraram, um a um. Você, não. E sequer levou a mão à arma quando Mirra se levantou. Diga-me, navegador: a quem dedica sua lealdade?

Sinto minha pulsação na cabeça.

— Se questionasse sua liderança, não teria nos trazido para as Cataratas do Niágara — respondo devagar, pronunciando cada palavra. — Confio na sabedoria do Adorado Líder. Confio em seu comando.

Jax-Har me encara, mas acaba fazendo um gesto com a mão. Os outros abaixam as armas. Estou a salvo.

Pelo menos por ora. De repente, meu tempo nesta nave parece muito curto.

Olho para trás, contra minha vontade, e vejo o corpo de Mirra se desintegrando. Então me dou conta de que preciso fazer alguma coisa. As dúvidas que vêm crescendo em minha cabeça são grandes demais para eu continuar aqui, seguindo ordens que sem dúvida culminarão no massacre de um planeta inteiro. Preciso sair desta nave ou serei assassinado. Ou vou enlouquecer. Não sei o que é pior.

As portas se abrem outra vez e alguém entra correndo — um mogadoriano nascido naturalmente, um pouco mais jovem do que eu. É o oficial em treinamento que responde a Denbar e monitora as comunicações à noite e durante reuniões.

— Capitão Jax-Har!

Ele dá alguns passos antes de parar e se ambientar, os olhos arregalados, tentando digerir a situação, os corpos no chão.

— Esta é uma reunião fechada — dispara o capitão.

— Mas, senhor... — O garoto parece um pouco assustado. — O oficial Denbar solicitou que eu relatasse se qualquer coisa relevante acontecesse nas comunicações. Os capitães estão todos brigando...

— Eles passaram a manhã toda fazendo isso.

— Sim, mas, senhor, agora tem outra pessoa no meio. Phiri Dun-Ra, que estava no México. Ela tem notícias sobre o Adorado...

— Ligue os comunicadores! — ordena Jax-Har, virando-se para Denbar e apontando o dedo para ele.

Denbar toca em um terminal. Os gritos de Phiri Dun-Ra invadem a sala, a voz permeada de fúria. Ouvimos apenas algumas palavras. "Gardes." "Legados." Elas não significam nada fora de contexto e é difícil ignorar o som ao fundo — alguém, acho que um jovem humano, está gritando de dor, gritos tão primitivos e aterrorizados que preciso lutar contra o instinto de cobrir os ouvidos com as mãos.

É o que o futuro nos reserva. Não posso ficar parado, resignado a fazer o que capitães e comandantes me mandam fazer. Deve haver mais para os mogadorianos — para *mim* — do que guerra e brutalidade.

Não é tarde demais para mudar.

Então alguma coisa me atinge, fazendo meu sangue congelar. Outra pessoa começa a falar na linha.

No começo, nem sequer processo as palavras. Tudo o que faço é me concentrar na voz inconfundível de Adamus Sutekh e no que isso significa.

Adam está vivo.

E eu não consigo acreditar no que ele está dizendo.

SOBRE O AUTOR



© Howard Huang

Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos loriens. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE OS LEGADOS DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



O poder dos seis



A ascensão dos nove



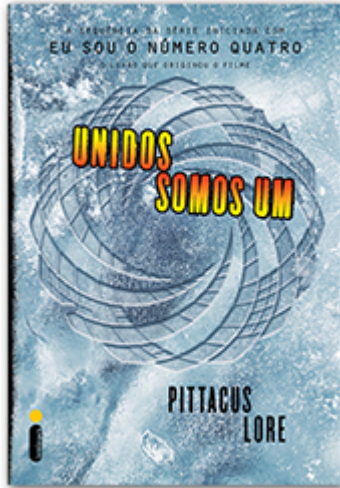
A queda dos cinco



A vingança dos sete

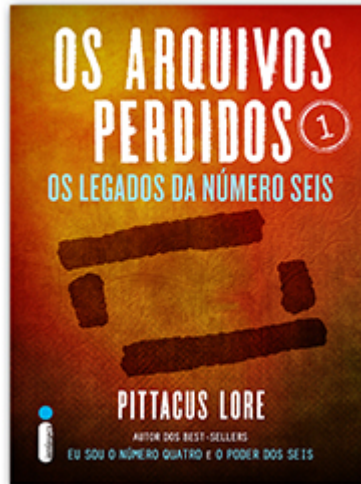


O destino da Número Dez



Unidos somos um

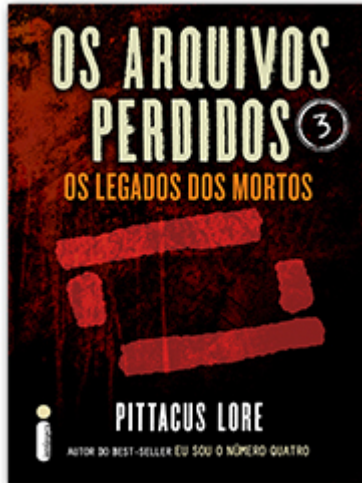
EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



*Os Arquivos Perdidos 1:
Os Legados da Número Seis*



*Os Arquivos Perdidos 2:
Os Legados do Número Nove*



*Os Arquivos Perdidos 3:
Os Legados dos mortos*



*Os Arquivos Perdidos 4:
A busca por Sam*



*Os Arquivos Perdidos 5:
Os últimos dias de Lorien*



*Os Arquivos Perdidos 6:
Os esquecidos*



*Os Arquivos Perdidos 7:
Os Legados do Número Cinco*



*Os Arquivos Perdidos 8:
De volta a Paradise*



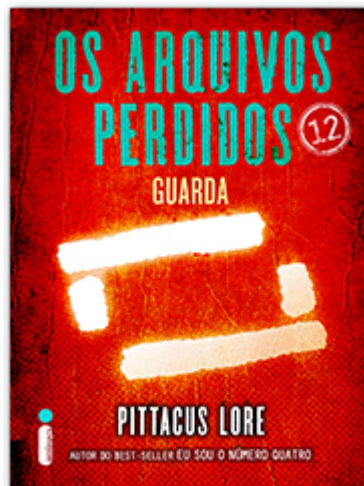
*Os Arquivos Perdidos 9:
A traição do Número Cinco*



*Os Arquivos Perdidos 10:
A fuga*



*Os Arquivos Perdidos 11:
A navegadora*



*Os Arquivos Perdidos 12:
Guarda*

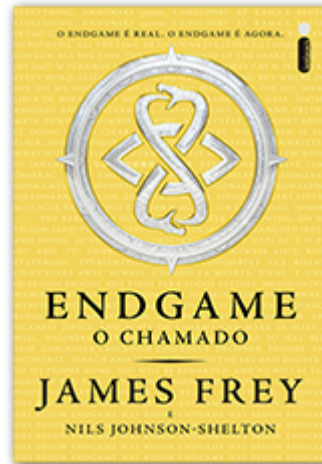


*Os Arquivos Perdidos 13:
O despertar dos legados*

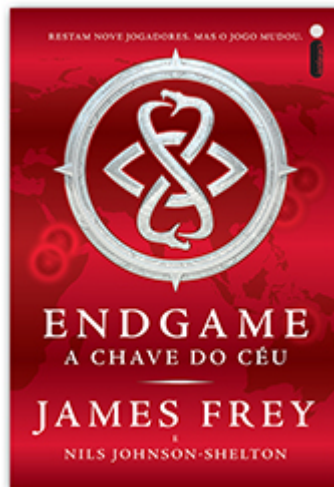


*Os Arquivos Perdidos 14:
A última defesa*

LEIA TAMBÉM



Endgame: O Chamado
James Frey e Nils Johnson-Shelton



Endgame: A Chave do Céu
James Frey e Nils Johnson-Shelton

EXCLUSIVAMENTE EM E-BOOK



*Endgame: Diários de Treinamento
Volume 1 – Origens
James Frey*



*Endgame: Diários de Treinamento
Volume 2 – Descendência
James Frey*



*Endgame: Diários de Treinamento
Volume 3 – Existência
James Frey*



*Endgame: Linhagem Zero
Volume 1 – Despertar
James Frey*



*Endgame: Linhagem Zero
Volume 2 – Avanço
James Frey*



*Endgame: Linhagem Zero
Volume 3 – Colheita
James Frey*